



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Masculinidades Plurais: identidade, consumo e tecnologia

Iuri Garcia Lopes

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Comunicação Estratégica - Publicidade e Relações Públicas
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Profa. Doutora Catarina Sales Oliveira

Covilhã, Setembro de 2017

Agradecimentos

Imensamente agradeço a minha mãe Neiva Garcia Lopes e meu pai José Paulo Lopes pelo amor incondicional e por apoiarem todas as escolhas e decisões em meu percurso acadêmico e como indivíduo.

À todas as mulheres fortes e batalhadoras na minha família que me inspiram a cada dia, Minha amada avó Niunfa Garcia Rodrigues da Silva, Adriana Garcia Campos, Elizabete Garcia de Campos, Cristiane Capeletti, mulheres que lutam diariamente pela sua independência.

À minha irmã da vida Juliana Petermann e ao meu irmão da vida Flavi Ferreira Lisboa Filho agradeço todos os ensinamentos e atenção, e por sempre estarem disponíveis para me confortar e orientar.

A todxs sx entrevistadxs neste estudo pela confiança e disponibilidade de abrirem sua intimidade para contribuir com as reflexões levantadas, meu muito obrigado!

Aos meus maravilhosos e maravilhosas amigos e amigas que sempre estão preocupados e não medem esforços para me ajudar, as antigas e novas amigades eu só devo gratidão, sintam-se todos e todas nomeadxs <3

Ao meu avô Ramão Ciro Muniz de Campos, meu padrinho Meclides Lopes, e minhas avós Maturina Garcia e Nair Lopes agradeço os ensinamentos deixados.

Agradeço a minha estimada orientadora Catarina Sales Oliveira pelo olhar humano sobre o texto acadêmico, pela paciência e confiança.

À Universidade da Beira Interior agradeço a oportunidade de vivenciar inúmeras experiências para o meu crescimento individual, social e acadêmico.

Agradeço as oportunidades ofertadas pela ONG Coolabora (Covilhã - Portugal), foram inúmeras as reflexões postas e momentos de ouvir e ser ouvido em um cidade que ainda precisa de muita luta pela a igualdade de gêneros.

Agradeço a Rede de Jovens para Igualdade (Lisboa - Portugal) e a Artemisszió Foundation (Budapeste - Hungria) pela experiência única de poder viver em uma diferente cultura e desenvolver um trabalho que é tão caro para mim na luta pelos direitos humanos.

Resumo

Esta pesquisa qualitativa têm como objetivo central analisar os usos de aplicações de relacionamentos para dispositivos móveis nos usos por homens cisgênero gays, concretamente o *Grindr* e o *Tinder* de molde a sustentar uma abordagem das masculinidades plurais a partir da teoria *queer*. A cibercultura e as convergências sendo que provocadas nas mídias, estes espaços virtuais de interrelações acabam por se tornarem parte do real, quando os indivíduos se fundem com os seus perfis criados e recriados na tentativa do pertencimento e na busca por iguais e diferentes. Acionando um suporte teórico-metodológico alargado para a construção da nossa problemática e modelo analítico procedeu-se a uma análise de conteúdo sobre 137 perfis coletados em ambas as aplicações mencionadas, com complemento de onze entrevistas semiestruturadas em uma observação não participante, a ponto de verificar através da cultura, consumo, identidade e tecnologias, como se constroem os processos de autoidentificação e não identificação entre os usuários. O estudo contribui para a reflexão sobre os possíveis usos das tecnologias tendo-se destacado uma normatividade prevalente que condiciona e limita as performances plurais e dissidentes de gêneros e sexualidades sobre a ótica das masculinidades.

Palavras-chave

Identidade; Consumo; Gêneros e Sexualidades; Aplicativos para dispositivos móveis; *Grindr* e *Tinder*

Abstract

This qualitative research aims to analyze the uses of relationship applications for mobile devices by men gay gender, namely Grindr and Tinder in order to support an approach of plural masculinities from the queer theory perspective.

The cyberculture and convergences are mediated spaces that become part of the real when individuals merge with their profiles, created and recreated in the attempt to belong and in the search for equal and different.

Based on an enlarged theoretical-methodological support to creates our analytical framework the content analysis of 137 profiles was carried out with the addition of eleven semi-structured interviews in a non-participant observation. We were able to verify through culture, consumption, identity and technologies, how the processes of self-identification and non-identification between users are developed. The study contributes to the reflection on the possible uses of the technologies, highlighting a prevalent normativity that conditions and limits the plural and dissident performances of gender and sexualities on what concerns masculinities.

Keywords

Identity; Consumption; Gender and Sexualities; Applications for mobile devices; Grindr and Tinder

Índice

Introdução	01
Tema e Problema	03
Hipóteses de Investigação	05
Procedimentos Metodológicos	07
Capítulo 1 - Percursos e conceitualizações iniciais	13
1.1 Instituições e comportamentos	13
1.2 Sexos, gêneros e sexualidades	15
1.3 Reconhecer as pluralidades	18
1.4 Cultura e Identidades e Performativas de Gênero	22
Capítulo 2 - Mídia e consumo	25
2.1 Consumo na contemporaneidade	25
2.2 Tecnologias e sociabilidades	28
2.3 Era das Experiências	31
2.4 <i>Grindr e Tinder</i>	34
2.4.1 <i>Grindr</i>	35
2.4.2 <i>Tinder</i>	38
Capítulo 3 Aproximações com as masculinidades plurais	45
3.1 Entrevistas	52
3.1.2 Análises sobre as masculinidades plurais	54
3.1.3 Os usos das aplicações	57
3.2 As representatividades dissidentes	61
3.3 Dominante, Residual e Emergente	65
Considerações finais	67
Referências bibliográficas	71
Apêndices	75
Apêndice 01	75
Apêndice 02	77

Lista de Figuras

Figura 01: Circuito da Cultura	09
Figura 02: <i>Grindr</i> Presskit. Perfil Inicial, <i>Fresh Faces</i> , <i>Gaymoji</i> e Bate Papo na aplicação	37
Figura 03: <i>Grindr PressKit. Into</i> , Mídia Digital do <i>Grindr</i>	38
Figura 04: <i>Screenshot</i> da interface inicial do <i>Tinder</i>	41
Figura 05: <i>Screenshot</i> retirado do <i>Tinder</i>	42
Figura 06: Gráfico com base nos perfis analisados no <i>Grindr</i>	46
Figura 07: Gráfico com base nos perfis analisados no <i>Tinder</i> .	46
Figura 08: <i>Screenshot</i> perfil autoafirmativo no <i>Grindr</i>	47
Figura 09: <i>Screenshot</i> perfil autoafirmativo no <i>Tinder</i>	48
Figura 10: <i>Screenshot</i> perfil não afirmativo no <i>Grindr</i>	49
Figura 11: <i>Screenshot</i> perfil não afirmativo no <i>Tinder</i>	50
Figura 12: <i>Screenshot</i> perfil não afirmativo no <i>Grindr</i>	51

Lista de Acrónimos

LGBTTIQ+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Intersexo, Queer, Mais.

Introdução

A diversidade que nos rodeia é tão plural e frutífera que causa uma efervescência no modo como percebemos e consumimos bens, produtos e serviços no nosso cotidiano, mas o ato de consumir não se atrela apenas a produtos, os indivíduos presentes neste enredo acabam por virar mercadoria eles próprios. As aplicações para dispositivos móveis aqui são caras e pontam hábitos e ações aplicadas as relações afetivas entre homens cisgênero gays. Busca-se aqui o entendimento entre a normatividade e a dissidência sobre gêneros e sexualidades na sociedade contemporânea, a fim de identificar falas sobre as corporalidades no espaço social e virtual. Partindo da normatividade, no extrato social, identifica-se outras sexualidades que não só a padrão, dá-se luz para as identidades plurais apontadas as performances sobre as masculinidades presentes neste discurso.

Através dos aparatos da comunicação e suas estratégias, recorreu-se as aplicações para dispositivos móveis, *Grindr* e *Tinder*, onde são abordadas no subcapítulo 2.4 deste estudo, a fim de perceber como esse novo sistema de relacionamentos e encontros emitidos na esfera social e no plano virtual que facilitam certa comunicação entre seus usuários na busca de entretenimento. Neste momento de convergências onde os planos virtuais e reais se misturam entre sujeitos, aplicações e subjetividades, as masculinidade plurais encontram espaço variante sobre as experiências que se tenta buscar, através da administração destes perfis, os indivíduos constroem um interlocução entre iguais e diferentes balizada pelo consumo, a cultura, as tecnologias e as identidades.

Entender o espaço íntimo, as descobertas e processos no entrosamento sobre as sexualidades dissidentes, a relação entre o Eu, a família, amigos e sociedade acarreta uma carga sentimental aos processos de socialização impostos. O homem *gay* cisgênero, o *queer*, a *gay* afeminada, a *drag queen*, pluralidades que neste texto não cabem categorizar, limitar, e não tem essa intenção, e sim ilustrar e fluir entre elas, não restringindo uma performativa do corpo. Todos e todas podem existir e persistir, não só no texto acadêmico, mas na vida real, na rua, na sociedade. Sair do armário em diversos níveis, ou mesmo nunca ter estado nele, conversa-se através de autores e depoimentos, historias de vida, violências, supressões que ainda restringem e pautam as movimentações moderadas sobre masculinidades plurais.

Norteadada pela comunicação como meio parcialmente acessível, e do universo das aplicações para dispositivos móveis, recorre-se a diversas ferramentas para analisar a comunicação interpessoal na contemporaneidade. São algumas das inquietações iniciais despertadas neste estudo, que revela perfis contra-hegemônicos e que buscam entendimentos sobre si e sobre o espaço social que estão inseridos. Em virtude da convergência dos meios e insurgência das

tecnologias, para a investigação foram tomados os aplicativos para dispositivos móveis *Grindr* e *Tinder* para ilustrar as abordagens elencadas.

A estrutura desta dissertação permeia em um primeiro momento percursos e conceitualizações iniciais a cerca da temática sobre gêneros e sexualidades, e como estes processos são institucionalizados na sociedade, na família, nos ambiente de ensino e entre amigos. São apresentados embasamentos teóricos que comportam certas reflexões sobre as estruturas formatadas pela normatização acabam por forçar as sexualidades a certos comportamentos, tem-se o objetivo de identificar e reconhecer as pluralidades destas movimentações através da cultura, identidades e performativas de gênero.

Em seu segundo capítulo a ótica parte da mídia e consumo, tencionando o consumo na contemporaneidade, como as tecnologias influem sobre as práticas sociais na era das experiências que ofertam um universo complexo sobre os indivíduos e a mediação feita pelos usos das aplicações *Grindr* e *Tinder*.

No terceiro momento do texto, as masculinidades plurais se concretizam e através de aproximações de análises dos perfis inseridos nas aplicações e como os usuários fazem os usos nesta dimensão das representatividades dissidentes que apontam uma configuração dentro das categorias de dominante, residual e emergente. Pontos estes que conduzem o percurso deste estudo, com a intenção de observar como são feitas e desfeitas as apropriações entre real e virtual; Marcas, produtos e empresas que envolvem seus usuários-consumidores para dentro de uma lógica que tenciona os usos e comportamentos condicionados por um viés social-político-ideológico.

Tema e Problema

Este estudo apoia-se sobre as aplicações de relacionamentos para dispositivos móveis, *Grindr* e *Tinder*. Problematizando a percepção de como as masculinidades plurais, se existem, e como existem, de que forma se manifestam e fazem uso destas aplicações para se comunicar com iguais e diferentes. Na tentativa de uma desconstrução da heteronormatividade, mostrando movimentações dissidentes que tentam registrar sobre as imposições sofridas na sociedade.

Partindo da suposição contranormativa vigente nas sociedades ocidentais contemporâneas, esta investigação visa responder à seguinte problemática: Quem são as masculinidades plurais, e que uso elas fazem das aplicações de relacionamentos em dispositivos móveis, de que forma essas aplicações ajudam a criar um espaço de sociabilidade para seus usuários?

Transversalmente surgem outros questionamentos sobre a temática que compõem este estudo, que são:

- O que são as aplicações *Grindr* e *Tinder*, suas diferenças e similaridades?
- Quais os usos que são feitos nessas aplicações, elas criam um espaço seguro de interlocução?
- Há algum reflexo social dentro do espaço virtual?
- Como as masculinidades se entendem nesses processos de relação a sexualidade, gênero e orientação sexual?
- Há preconceito entre os usuários dentro das aplicações, como esses conflitos ocorrem?

Posterior a estas reflexões foram delineados os objetivos de investigação que se encontram a seguir.

Objetivos de Investigação

Com intenção de direcionar os procedimentos do presente estudo, propõem-se a análise destes objetivos.

Observa-se que há uma inclinação em busca de pares e/ou grupos pelos usuários presentes nestas aplicações. Ambicionamos verificar através deste estudo se existe esta inclinação entre os perfis percorridos pelo *Grindr* e *Tinder*.

Perceber como acontecem as trocas de forma efetiva e afetiva nos aplicativos para relacionamentos utilizados por homens cisgênero *gay*? Acreditamos que dentro desta mescla entre real e virtual as trocas acabam por se dar de uma forma mais descontraída e não menos efetivas, o que busca-se analisar é qual o tom conferido a estas mensagens e as suas intenções.

Explorar de que forma as masculinidades plurais estão inseridas em que níveis nas aplicações, e onde. Avista-se que as masculinidades não hegemónicas acabam por procurar um espaço de sociabilidade entre iguais e diferentes, a tentativa aqui é de refletir como as aplicações podem auxiliar nessa interatividade.

Há uma quebra na normativa vigente, quais são as causas e feitos dessa atividade? Atenta-se aqui refletir sobre a quebra da normativa vigente, como as dissidências se aproximam de uma perspectiva queer que vem somar a tom de verificar as rupturas provocadas na norma vigente na sociedade em que estão inseridos.

Procedimentos metodológicos

Seleção do *corpus*

Nesta sessão serão tratados os métodos e os procedimentos utilizados para a realização desta pesquisa, descrevendo o percurso metodológico como as atividades conduzidas, dirigidas aos aplicativos para dispositivos móveis *Grindr* e *Tinder*. Inicialmente foi estruturado o estado da arte sobre a temática abrangendo pesquisa bibliográfica (Gil, 2002), que trouxessem abordagens sobre a temática estudada. Deu-se a recolha no período entre janeiro e junho de 2017 dos perfis de usuários homens cisgênero *gays* presentes nestas aplicações onde fossem identificados por texto e/ou imagem, desalinhamentos reafirmados sobre a normatividade de gênero tida como hegemônica através da análise de conteúdo, enquanto grupo de ferramentas de análise de comunicações (Bardin 2011). Percebeu-se posterior o início desta primeira etapa uma insuficiência em apenas analisar os perfis encontrados, dando seguimento a 11 entrevistas semiestruturadas (Makoni e Lakatos, 2003), realizadas com usuários das aplicações que delineiam este estudo, 6 residindo em Portugal e 5 no Brasil, em intenções quaisquer de comparar as experiências pelo viés dos dois países, o que se quis foi a tentativa de encontrar mais domínio nas análises e tratamento sobre as histórias de vidas que se chocam e/ou complementam, conferindo probabilidades de interpretações e de legitimidade aos textos.

Procedimentos de Análise

Nesta categoria de investigação estão presentes as ferramentas de pesquisa qualitativa (Makoni e Lakatos, 2003) onde foi feita uma observação não-participante, que deu conta das inquietações levantadas. Aqui articulam-se os teóricos, métodos e suas contribuições para o efetivo andamento deste estudo.

Com base no circuito de cultura de (Du Gay: 1997), foram criadas novas categorias de análise para o *corpus* deste estudo. A Figura 01 representa o circuito criado para compor os métodos de análise referente a aplicações. Serão analisados com relação aos elementos Identitários a partir do **Homem Cisgênero Gay**; Produção da mídia através dos **Aplicativos para dispositivos móveis** (seus textos); analisar os receptores destas mensagens e seus usos através dos **Usuários dos Aplicativos de Relacionamento** (comportamentos/interações/outros elementos); a Regulação destas interações mediadas pelos aplicativos **Grindr e Tinder** e as **Masculinidades Plurais** e as suas (inter)relações.

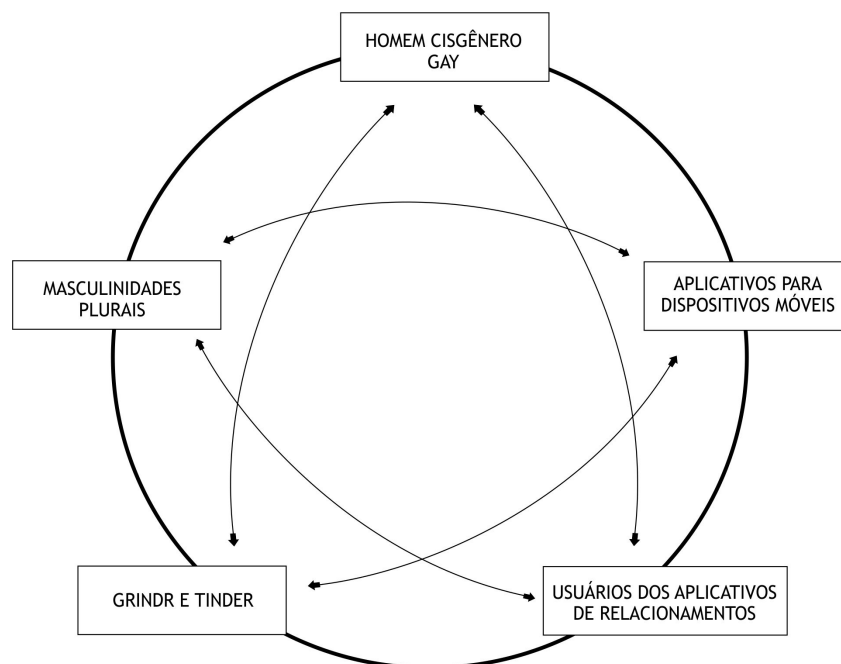


Figura 01 Circuito da Cultura

A contribuição dos estudos culturais para este estudo decorre da tentativa de entender como se consolida esses valores e tradições trazidas pela identidade do homem cisgênero *gay*, as formas como elas foram construídas com o passar dos anos, que apropriações foram feitas/criadas para a construção cultural desta pluralidade. A Teoria *Queer* aqui, possibilita-se compreender a cultura e as performáticas com desenho prático com a relação constituinte

das formações sociais atuais (Butler, 1990; 2000), (Miskolci, 2012). Com relação ao circuito de cultura utilizado, mostra-se vantajoso pela possibilidade que aprova-se ter ao analisar o objeto de estudo, garantindo mais ferramentas para o entendimento em relação a cultura e a identidade plural das masculinidades.

Em conjunto com o Circuito da Cultura as Estruturas de Sentimento¹ (Williams, 1979), apresentam-se como complemento para analisar o *corpus* desta pesquisa. Com base nas estruturas de sentimento, foram articulados os conceitos de dominante, residual e emergente, a fim de dar máximo acordo sobre as questões envolvendo cultura como experiências sociais em solução, e como elas se relacionam, assim acessando a emergência de novas características identitárias.

A estrutura de sentimento é fundamental para um analista da cultura interessado não só em formas estruturadas e consagradas, mas especificamente na emergência do novo, do que pode articular mudança na cultura e na sociedade, no significante e no referente. (Cevasco, 2001)

A contribuição dos estudos culturais para este estudo surge da tentativa de entender como se consolida os valores e os processos trazidos pela Teoria *Queer*, as formas como elas são construídas com o passar dos anos e que apropriações foram feitas/criadas para a construção cultural das masculinidades plurais. Os estudos culturais possibilitam compreender a cultura de forma prática com a relação constituinte das formações sociais. No que diz respeito às estruturas de sentimento utilizada, mostra-se vantajoso pelas possibilidades de analisar o objeto empírico, propiciando mais condições para o entendimento da relação entre a cultura e a identidades plurais do homem cisgênero *gay*.

Alia-se as Identidades, Análise de Conteúdo, o Circuito de Cultura e as Estruturas de Sentimento em que busca-se identificar o que são dominantes, residuais e emergentes nestes textos, deste empírico que consiste na análise dos perfis coletados nos aplicativos *Grindr* e *Tinder* no período entre janeiro e junho no ano de 2017, em conjunto com 11 entrevistas semiestruturadas realizadas com usuários das aplicações que delineiam este estudo, a fim de encontrar mais propriedade nas análises as histórias de vidas que se complementam, conferindo mais possibilidades de interpretações e de legitimidade aos textos. Como marcadores analíticos através do queer a fim por contestar a normalização; a heteronormatividade; as performatividades de gênero; quais as formas que estes sujeitos estão se articulando, se mostrando para se relacionar. Estas estruturas não são estáticas, elas convergem e podem performar ao mesmo tempo em um mesmo sujeito. As representações criadas a cerca dos aplicativos de relacionamento são vastas e as possibilidades de estudo

¹ “Metodologicamente uma estrutura de sentimento é um hipótese cultural, derivada na prática de tentativas de compreender esses elementos e suas ligações, numa geração ou período, e que deve sempre retornar, interativamente, a essa evidência.” (Cevasco: 2001)

destas criações conferem amplas possibilidades de interação com o *corpus*, permitindo estudá-lo de diferentes formas.

Capítulo 1

Percursos e conceitualizações iniciais

1.1 Instituições e comportamentos

Retidos as normas do discurso (Butler, 1990), é difícil nos desvencilharmos das nomenclaturas sobre mulher e homem, mesmo sendo a linguagem importante para o gênero, ela ainda não provem de uma consistente condição para este entendimento entre feminino e masculino, sem implicar o binarismo de gênero. Nossos comportamentos são regulados por diferentes formas, somos condicionados a diferentes experiências, como diferentes design de sapatos, botões de camisa de lados opostos, temos nossos cabelos feitos por diferentes seções de cabelereiros, comprar calças em diferentes segmentos em mesmas lojas e usar diferentes toaletes, (Connell, 2002, p.3). Nascemos inseridos em uma sociedade onde nossos papéis sociais e uma conduta moral são pré-formatados sobre nossos corpos, comportamentos e decisões, ações estas são afetadas por mudanças em nossas vidas, e/ou pelo cotidiano.

Utilizando o conceito instituições pelo viés de (Goffman, 1987), somos sujeitados a formas reguladoras desde os primeiros momentos de nossa natividade, como a família, estrutura esta que nos recebe e nos orienta com base em valores culturais, experiências e vivências preestabelecidas, com fundamento em nossa designação de gênero. Iniciamos biologicamente a partir do nosso sexo lidos como do gênero masculino, feminino, ou intersexo², e a partir desta designação, são incumbidos papéis a serem desempenhados, tradicionalmente representados em uma lógica binária, homem e mulher.

Na prática do cotidiano, as coisas não são tão rígidas: masculinidade e feminilidade são vividas enquanto conjuntos de qualidades que podem verificar-se no campo sexual oposto. Assim, é reconhecido que um homem pode ter certos comportamentos, emoções ou atividades “femininas” e vice-versa. Não pode é possuí-las ou exercê-las exclusivamente, o que o remeteria para a anormalidade. (Almeida, 1995. p. 60).

A teatralidade desses papéis muitas vezes tem um peso a mais, cai sobre os corpos pesos que não deveriam ser cobrados de forma tão severa, a causa do desconforto quando referida à “anormalidade” de seus envolvidos. Pensar uma sociedade contemporânea ocidental fortemente patriarcal, mesmo conferindo a transversalidade de movimentos insurgentes a

² O sexo é tão construído na cultura quanto o gênero e que as fronteiras entre o natural e o não-natural são facilmente borradas quando se trata de defini-las a partir do que é considerado dentro ou fora das normas sociais. (Machado, 2005).

favor de uma diversidade de vozes e poderes, ainda é muito sensível a discussão sobre as normativas sobre os corpos. Segundo (Almeida, 1995), o feminino aprende a ser passivo, logo o masculino desempenha o papel de ativo. O ator social ativo ocupa o espaço público, a exploração do ambiente exterior, uma totalidade maior do espaço social onde esta inserido, cria grupos, desempenha atividades de liderança e escolhas onde impera o físico, enquanto o ator social passivo, se reserva ao imaginário, ao tom de voz baixo, a domesticidade, a performativa contrária ao ativo, uma dicotomia pobre e circular.

Posterior a estas primeiras atuações de gênero, mesmo na infância, em continuidade na adolescência, o início da vida escolar/ensino, os sujeitos são novamente condicionados a atividades que reafirmam o comportamento passivo/ativo. Brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas são condicionantes na avaliação curricular. O masculino joga bola, compete entre os outros iguais, performa o corpo. O feminino se agrupa, muitas vezes reproduz práticas lidas como maternais, como cuidar da boneca, atentar da cozinha, atividades vistas como regulares para aquele padrão escolhido para o ator social passivo. E quando um ator social não se vê representado na sua condição. Atentando para um tempo social no Brasil, e como em Portugal, o regime militar teve intenso papel em certa institucionalização e reedificação da masculinidade normativa.

“Daqueles valores destaco o culto da ordem, da disciplina e da autoridade, frequentemente submetidos de alguma figura masculina como a do Presidente da República, General cujo nome estampava o cabeçalho diário do meu primeiro caderno escolar. ... sob regime ditatorial escolar, vivia a sombra de uma ordem política e social que girava em torno de um poder eminentemente masculino. A masculinidade se confundia com a violência, em um jogo injusto e cruel para as meninas, mas também para os meninos que, como eu, não gostavam de futebol, tampouco ... adentrar na vida adulta vestidos em seus uniformes do serviço militar obrigatório. Foi nele que vi um dos meus primos, antes amoroso, ser brutalizado até se tornar o que se compreendia como um homem de verdade: aquele que dominava as mulheres e desprezava “bichas”. (Miskolci, 2012, p. 10)

O sentido atribuído para a palavra masculinidade é plural de interpretações e significados, a depender do lugar de fala e da cultura. A masculinidade importa de diferentes locais, ideias para produzir novas configurações, complexas noções que nos dão uma íntima conexão com desenhos sociais particulares. As diferentes percepções de masculinidades são atribuídas a predicados externos, ao físico, ao corpo, este constructo social que é validado pela força e pela ação. O termo lutar como um homem, claramente reflete a força física do indivíduo. Como reação neste jogo de ponderações o que interessa nesta lógica é quem esta a atribuir o ato da força e quem esta a receber este duelo, e quem esta a observar. Formas de violências muitas vezes servem como palco para a masculinidade em diferentes e distintas concepções. Esta figuração da luta ilustra a necessidade do masculino em se sobressair através de artifícios primitivos para reforçar a sua analogia.

E um dos grandes conflitos em relação ao assunto reside na dúvida em relação a que tipo de comportamento seguir. O modelo tradicional e patriarcal, de macho dominador, ou um padrão mais moderno de masculinidade, no qual é permitido demonstrar sentimentos e emoções? Para alguns autores, a crise do novo homem, assim chamado em função de um novo estilo de ser, está acontecendo justamente pela dificuldade em encontrar modelos para descrever sua nova condição masculina, ou seja, ele não localiza um padrão com o qual se identificar. (Pongidor; Moraes, 2017, p. 160).

Baseado nestas afirmações é fácil perceber os conflitos das masculinidades presentes na contemporaneidade, as múltiplas transformações e polarizações criadas, forçam o encontro de alguns pertencimentos, pois, a maneira como a masculinidade hoje pensa em ser vista é muito correlacionada com o conceito de *habitus* gerado por (Bourdieu, 1980, p.88) em que aqui neste texto são atribuídos as performativas das masculinidades, espaços carregados de dispositivos transportáveis, com estruturas estruturantes, para essa prática de representações e reproduções do que é ser as variantes sobre o masculino, a fim de gerar e organizar as exercitações dadas no ensaio de pressupor sua superioridade e diversidade, atrelados a uma *hexis* corporal também proposta por Bourdieu (2013), que investe sobre os diversos capitais sobre os corpos, através do sistema de classificação de gostos e atribuições culturais. Reforçados por atos ilustrados que tratam da imagem do ser homem com certa supremacia e métricas de obediência para a tentativa de perpetuar costumes e condutas. Deixa-se claro que as categorias de masculino/feminino, ativo/passivo, são feitas pelas diferenças sociais que implicam uma ordem histórica, política, econômica e ideológica. Não há um sexo que é oprimido e outro que oprime, é a opressão que cria o sexo e não ao contrário (Wittig, 1992). A heteronormatividade opera essa pressão comportamental sobre os corpos na sociedade, que cria em resposta fragmentos, que se modificam, se reificam e buscam outras formas de pertencer e ajustar seu espaço e tempo.

1.2. Gêneros e Sexualidades

Parte-se de Simone de Beauvoir (1980), onde o gênero da contorno, que ele se transforma, se reconhece, se sociabiliza, sendo líquido (Bauman, (2001), fluído e reinventado. Tencionar estes debates é algo muito recente em nossa sociedade, a intimidade do ser, é algo ainda coberto de muitos pudores e receios. O grande impulso dos estudos sobre processos socioculturais das sexualidades iniciaram de uma forma mais plural e ampla com a validação pelo discurso médico e os estudos sociais com o surto de HIV nos anos 70, (Almeida, 1995, 121p). Junto com a segunda onda do feminismo e ancorados pela antropologia, os estudos de gênero começam a ter uma forma mais entrelaçada de arguir e defender novas representações e estruturas. Para debater sobre gêneros e sexualidades o exercício primeiro

foram as (des)construções e (re)construções do feminino e do masculino, ambas em níveis binários e comparativos, dando olhos para questionar o androcentrismo da antropologia e os privilégios intocados da masculinidade. Alimentando os estudos feministas e dando margem para questionar valores culturais, sociais, classe, religião e estruturas que vinham em variações positivas e negativas no percurso desses desenhos de contracultura.

Consideremos a interpelação médica que, ... transforma uma criança, de um ser "neutro" em um "ele ou em uma "ela": nessa nomeação, a garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse tornar-se garota da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma. (Butler, 2000, p. 116)

Somos educados para lermos instantaneamente pessoas como feminino ou masculino, observar códigos que neguem ou aceitem os gêneros dentro de um enquadramento social, fazendo com que nos tornemos leitores automáticos dos corpos que nos cercam levando apenas em consideração essa binária escolha. Estas leituras vão para além do corpos, vestes, comportamentos, linguagem corporal, entre outros valores, são escolhas e construções que estão em constante transformações e ressignificações sobre os sujeitos.

Sendo assim, fomos formatados e socializados (Giddens, 2001) primariamente a pertencer em um espaço que nos norteia com regras que forçam a não questionar os porquês destas incitações. Na família somos direcionado em muitos aspectos importantes para a formação do nosso ser social, valores estes de classe, político, religioso e de sexualidade, a base da construção da forma de pensar, sentir e agir de um individuo está na forma como ele é socializado, a socialização acontece em duas instâncias. A socialização primária acontece na estrutura familiar, onde somos educados e formados para pensar e agir de uma determinada maneira, nos podendo de muitas reflexões e questionamentos que venham a aflorar de uma forma mais desviante dos padrões normativos. A primeira estrutura familiar é responsável por nos apresentar a sociedade que nos cerca e os códigos que devemos respeitar, o nosso lugar de fala, os nossos valores culturais e claro, nossa sexualidade, que é inculcada desde a nossa gestação através de códigos binários de comportamento e alegorias cromáticas como a designação da cor azul para homens e rosa para mulheres. Em nossos primeiros anos de vida nossas vestimentas, entretenimentos, comportamentos são balizados nesse jogo dual de masculino e feminino muito bem demarcados, e quando não claros, começam os enigmas desviantes e questionáveis sobre os nossos corpos, pondo-nos a uma prática primária de negação e censura onde somos impedidos de comunicar desejos e comportamentos que ora eram livres, mas não quando abordamos nossa sexualidade. Certas atividades nos são permitidas quando crianças em importância ao nosso corpo e nos fazem respeitar o papel do

homem e da mulher desde muito cedo, homens podem brincar com seu pênis, mulheres não podem tocar suas vaginas, ou se quer questionar o órgão sexual oposto, começam aí os códigos da heteronormatividade.

Meninas de vestido e pernas cruzadas ao sentar brincando de bonecas com outras meninas, meninos com bermudas confortáveis subindo em árvores ou jogando futebol com outros iguais, uma divisão monótona e limitadora dos papéis sociais que podemos vir a ocupar em um futuro próximo, nos restringindo a vivenciar experiências pré-fabricadas e a refletir códigos ultrapassados e antiquados da nossa sociedade, onde nossa socialização primária não está ainda organizada para articular sexualidades e gêneros por um percurso mais plural e individual dos seres.

A segunda fase tende como devemos nos comportar em sociedade, como somos impelidos no ambiente de ensino, na família, entre amigos, no trabalho, diversos papéis sociais que desempenhamos, porém, sem uma total liberdade de expressar nossa sexualidade livre de julgamentos e censuras. O que era para ser orgânico, quando confrontado, pela escolha de duas pessoas do mesmo sexo em se envolverem afetivamente, causa uma desordem nas estruturas, espontaneamente a homossexualidade é entendida como não-orgânica e uma afronta aos valores morais vigentes na sociedade e estão isentos de qualquer questionamento. Segundo (Butler, 2000, p.160) “A performatividade não é, assim, um “ato” singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas.”. Forçando sujeitos a serem reiterados por estas normativas, “e na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição.”

Cercados por uma imposição onde mães, pais, professores, chefes de trabalho, mídias, nos fazem desacreditar na possibilidade de uma plural sociedade consciente sobre corpos e sexualidades, nos suprime o direito de força. Ativismos e militâncias se organizaram e lutam para essa quebra de estrutura patriarcal/machista/religiosa que presenciamos na contemporaneidade. Sendo assim uma luta morosa e arrastada pelo poder público que olha de lado estas tentativas, por medo e receio. não pode-se deixar de avaliar que o poder é feito por homens cisgênero, heterossexuais, brancos e de classes elevadas, nenhum discurso é inocente.

Los discursos que nos oprimen muy en particular a las lesbianas, mujeres y a los hombres homosexuales dan por sentado que lo que funda la sociedad, cualquier sociedad, es la heterosexualidad. ... Estos discursos de heterosexualidad nos oprimen en la medida que nos niegan toda posibilidad de hablar si no es en sus propios términos y todo aquello que los pone en cuestión es enseguida considerado como “primarios”. (Wittig, 2006. p. 49)

O medo de ponderar sobre gênero e sexo é algo que ainda paira sobre a sociedade contemporânea e os poucos avanços conquistados com lutas ainda estão impedidos de fluir livremente em seus insuficientes e recentes direitos civis. Os esforços para diferenciar, teorizar, anular as questões entre os conceitos de sexo e gênero estenderam muitas reflexões teóricas trazidas por (Foucault, 1988); (Butler, 1990; 2000); (Wittig, 2006), na tentativa de tornar, de forma concreta, um conceito que permitisse identificação entre aqueles que não se veem representados.

Além disso, em que medida, na psicanálise, o corpo sexuado é assegurado através de práticas identificatórias governadas por esquemas regulatórios? A identificação é usada aqui não como atividade imitativa pela qual um ser consciente modela-se de acordo com outro; pelo contrário, a identificação é a paixão assimiladora pela qual um ego inicialmente emerge. Freud (1960, p. 16) argumenta que "o ego é, primeiramente e acima de tudo, um ego corporal", que esse ego é, além disso, "uma projeção de uma superfície": aquilo que nós poderíamos redescrever como uma morfologia imaginária. (Butler, 2000. p. 122)

O corpo sexuado aqui atinge possibilidade de coexistir em sociedade, mesmo que regulado, mas não nessa tentativa, não só imaginária, mas corporal, de reconhecer suas diferenças e aceitar para si suas vivências e desejos. Mesmo que hajam estruturas edificantes, o corpo sexuado atinge essa autonomia, aqui falando dos corpos sexuados gays, "a lei não é mais dada em uma forma fixa, anteriormente à sua citação, mas é produzida através da citação, como aquilo que precede e excede as aproximações mortais efetuadas pelo sujeito." (Butler, 2000. p. 123). Quando falamos em direitos civis e paramos para refletir os avanços e conquistas na sociedade ocidental, percebemos que em recorte, estes direitos foram adquiridos muito recentemente, e com muito consternação causada, sexo e gênero passam por construções e compreensões distintas no olhar recente da história das sexualidades.

1.3 Reconhecer as Pluralidades

Assumir a condição da identidade gay plural, cisgênera, é um ato ainda muito moroso na vida de muitos homens gays na sociedade ocidental contemporânea, e esta afirmação vem de diversas movimentações, escolhas e decisões que em sua maioria não são orgânicas. A família, os amigos, os agentes de ensino, o mercado de trabalho, e o próprio *self* (Giddens, 1991), são influentes deste percurso, que ainda é muito violento e opressor, leva tempo. O ter que esperar, é cotidiano na vida de um homem gay cisgênero, lê-se aqui esta nomenclatura para definir o termo gay da forma mais clara neste estudo, é uma forma de usar a linguagem escrita para instruir e clarificar conceitos que são importantes, porque demarcam lugar de fala e espaço político-social. A espera é fomentada pelo diferente, pelo não reconhecimento em uma sociedade normativa e excludente, o tempo vem para o bem e

para o mal, conduzir esses processos de identificação, aceitação da sexualidade que se pretende adquirir.

Quando se tem algo diferente, se cria a estranheza, a indiferença o pastiche da identidade gay, o estereótipo contrário e comparativo a heteronormatividade regente. A ruptura desses estigmas acontece historicamente a partir da década de 60, quando começam os novos movimentos sociais e estudos do que hoje temos como teoria queer, balizados pelos caminhos de luta da população negra no sul dos Estados Unidos, a segunda onda do feminismo e o movimento dos homossexuais, (Miskolci, 2012, p. 21). Uma massa branca, classe média e letrada, tomava frente do movimento queer, tratando a liberdade de expressão, o corpo como desejo, a sexualidade, como práticas sociais que antes não eram se quer retratadas no ambiente público social, apenas reservadas no sigilo particular. Mas a Teoria Queer como vemos a contemporaneidade, apenas se cristaliza na metade da década de 80 ainda nos Estados Unidos, quando pelo discurso médico é intitulado o surto do vírus HIV, (Miskolci, 2012, p. 23), que foi mais que um fato biológico e sim uma construção social, uma epidemia viral que poderia ser tratada como qualquer outro vírus, como o autor ilustra a Hepatite B, aprontou por ser percebida como sexualmente transmissível, o que gerou um pânico social atribuído as práticas sexuais, algo antes nunca vivenciado, trazendo para a comunidade LGBTTIQ+ o reforço do estigma da doença e depravação. Mas como retrata (Miskolci, 2012), os Estados Unidos trata este surto médico como separatista dos movimentos insurgentes, apartando o poder e a sociedade das militâncias envolvidas, o que foi diferente em Portugal e no Brasil, onde o poder público e médico se uniram aos movimentos sociais para encontrar informação para tratar da melhor forma este epidemia.

A partir desde choques políticos, sociais e sustentados pelo discurso médico, o movimento LGBTTIQ+ sobre uma forte onda de heteronormatização, onde os normalizados eram aceitos na sociedade, vertente que ajuda a fortalecer o movimento queer, pois ele não se vê e nem quer ser consinto nessas condições.

Enquanto o movimento homossexual apontava para adaptar os homossexuais as demandas sociais, para incorpora-los socialmente, os queer preferiam enfrentar o desafio de mudar a sociedade de forma que ela lhes seja aceitável. Enquanto o movimento mais antigo defendia a homossexualidade, aceitando os valores hegemônicos, os queer criticavam esses valores, mostrando como eles engendram, as experiências da abjeção, da vergonha e do estigma. ... O *queer*, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha abjeção, essa fronteira rígida dos que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo. (Miskolci, 2012, p. 25).

O *queer* vem para iluminar a diversidade de identidades de gêneros e sujeitos que não se viam representados na sociedade ocidental, fomentando discussões e ações culturais,

políticas e econômicas. Traz a tona, o sexo, a prática sexual, os prazeres divergentes, sexualidades forçadamente esquecidas como tentativa de controlar os sujeitos através do discurso normativo, da punição, da religião e do comportamento vigiado, o panótipo “um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (Foucault, 2003, p. 166). Toda a vigia feita sobre a sociedade e seu comportamento fez com que caísse sobre a sexualidade uma nebulosa pudorosa.

“A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.” (Foucault, 1988. p.9).

Recorre-se a tempos históricos de uma forma diacrônica, indo e vindo nos contextos históricos, políticos e sociais dos discursos de autores e autoras que colaboram para demarcar os lugares de falas das diversas motivações presentes neste texto. Neste recorte, (Foucault, 1988) no primeiro volume do seu livro *História da Sexualidade: a vontade de saber*, ilustra mudanças apreciadas em três séculos que antecedem ao século XX, ainda vividos pelo culto a pureza, ao calar, ao medo, o poder como opressor, mas também comunica uma abordagem central e temporal sobre o sexo, sobre suas práticas e a real importância da sociedade pensar e agir sobre seus indivíduos. A depravação significando um mal para o sociedade em construção, as lógicas de poder para a fundação de assepsias e controle sobre a população em concepção, toda a supressão sofrida contra o discurso claro, aberto, sobre a sexualidade, foi velado a sombra da religião e instituições que detinham do controle nos diferentes tempos abordados pelo autor, onde são apropriados para este estudo, para informar que a luta pela diversidade e liberdade sexual não é algo apenas do contemporâneo, porém afrontas que vem sido travadas ao longo da história, medidas de opressões e reprovações pelos poderes reguladores.

Outro exemplo é a rebelião ocorrida em *Stonewall* no dia 28 de junho de 1969, que se tornou um marco para o movimento LGBT mundial e, conseqüentemente, para os estudos de gênero e *queer*. Após a rebelião, que durou cinco dias, os homossexuais conseguiram visibilidade e começaram uma série de manifestações onde reivindicavam direitos como a anulação da lei que previa, pelo Código Penal, a prisão de homossexuais, bem como a retirada da homossexualidade da lista de doenças consideradas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). *Stonewall Inn* era um bar frequentado por homossexuais, travestis, transexuais, *drag queens* e transgêneros em Nova York. No dia da morte da atriz Judy Garland milhares de frequentadores do bar aparecerem para prestar homenagem à atriz (que se tornou o primeiro ícone *gay* da história). Na época existia uma lei anti homossexuais nos EUA o que levou à polícia comparecer ao local para dispersar a multidão. No entanto os presentes decidiram

enfrentar a polícia numa rebelião que durou 5 dias. A partir de então homossexuais começaram a se organizar pela luta de seus direitos. (Carvalho, 2017, p. 10).

Após esses períodos de repressão parece teve-se instaurado um receio, uma dificuldade de criticar de forma direta as estruturas privilegiadas nesses processos históricos, políticos e de poder sobre opressão, violência e as formas de desigualdades vivenciadas. O que alimentou os movimentos libertários sobre o sexo, sobre o direitos feministas e LGBTTIQ+, a relação opressor/oprimido percebe um empoderamento das diferentes militâncias submergidas e versa de uma forma organizada esta batalha ordenada no mesmo espaço temporal e em diferentes territorialidades, a fim de potencializar e visibilizar a reivindicação de direitos e espaços de sociabilidade.

Objetivada na relação entre *gays* cisgêneros, a cultura juvenil e a masculinidade moderna, aponta uma próxima relação sobre a certa liberdade de expressão, o movimento corporal, o ritmo e a libertação indisciplinada dos sentimentos, se opunham diretamente as qualidades masculinas hegemônicas. Entre os anos 80 e 90 os homens, não somente os *gays*, começaram a rebelar-se contra o conceito primitivo da masculinidade, permitindo que seus corpos se apropriassem da diversidade, o cabelo comprido, as vestimentas, a aparência de modo geral cria uma ruptura de gênero, estes homens performando seus corpos começaram a ser lidos como “andrógenos” (Mosse, 1996), este autor ainda continua sua reflexão sobre este conceito, afirmando que os homossexuais e lésbicas usavam essa androgenia como ideal para a ruptura de gênero na tentativa de ajudar a finalizar sua marginalização por parte da sociedade. Validados destes e outros artifícios a comunidade LGBTTIQ+ ganha espaço através da performance dos corpos na tentativa de criar identidades a serem reconhecidas por iguais, mesmo tendo poucos espaços legítimos de sociabilidade.

“A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (Foucault, 1988, p. 43”

Pensarmos que um relacionamento entre dois homens, veiculado em rede nacional pela ficção televisiva é algo positivo e visibiliza parte destas lutas, é percebermos que representações estas são criadas. Uma campanha publicitária retrata relações igualitárias entre pessoas do mesmo sexo, e outros formatos de relações afetivas interpessoais, qual o tom dado para este discurso? Como o poder, agora instituído também as mídias, comunica, retrata, expõe essas identidades na sociedade contemporânea? Grande parte das pautas das militâncias LGBTTIQ+ no Brasil, em Portugal, no mundo ocidental, foram pré-fabricadas pela heteronormatividade, transparecendo o ideal do gay aceito, espelho ao hétero, que quer casar e ter filhos, ter uma vida monogâmica (Colling, 2015, p.30). Seguindo a ideia deste autor, os sujeitos conectados aos ativismos e estudos queer questionam justamente esse posicionamento, do porquê

desejar esse ideal de vida. Por que querer normalizar-se ao padrão hétero? “Por que a união civil proposta é exatamente a baseada na família nuclear burguesa, justamente uma das instituições que tanto colaborou e ainda colabora para a subalternização daqueles que não são heterossexuais?” (Colling, 2015, p.30). É preciso questionar e elucidar estas estruturas estruturantes na tentativa de entender as masculinidades plurais dentro da estrutura da Teoria *Queer*.

1.4 Cultura, Identidades e performativas do gênero

Esta reflexão dá-se na tentativa de alinhar um pensamento através de teorias que se aplicam a identidade plural da masculinidade e os estudos culturais, na tentativa de se pensar as masculinidades múltiplas como *subcultura* (Vasconcelos, 2007 In. Jacks, 1999), visualizada como parte de construção de uma forte identidade alimentada por diversos valores simbólicos, onde o pertencimento parte do local para o nacional/internacional. Como apresenta (Escosteguy: 2010, p. 136), “os Estudos Culturais ... hoje, na sua forma contemporânea, transformaram-se num evento internacional” e tratando a masculinidade plural como fator presente na contemporaneidade dos estudos culturais, pode-se pensar que o homem cisgênero gay é um ser internacionalizado, por suas características culturais estarem disseminadas por várias localidades, uma identificação múltipla pelo homem cisgênero gay, o que o torna visível e palpável, seus valores semânticos construídos e (re)adequados com o decorrer dos anos, suas crenças e costumes somadas a outras culturas, sem esquecer a facilidade com que essas ações são hoje convencionadas.

Podemos entender que, a identidade do homem gay cisgênero, torna-se uma “celebração móvel, formada, e transformada continuamente” (Hall, 2006, p.13), uma forma de representação plural, que carregar e dissemina valores, tradições e costumes para quem queira se “apropriar” desses elementos, ocasionando assim uma movimentação rica de trocas, possibilitando novas construções identitárias através da própria cultura LGBTTIQ+ “com ação de envolver o poder com objetivo de produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades (Johnson, 2010. p.13), a fim de possibilitar novos formatos de entendimento e representação, mesmo sem perder suas referências passadas, mas absorvendo novos entrosamentos das culturas contemporâneas com a colaboração da “identidade cultural que constitui um fenômeno de auto-reconhecimento tanto no âmbito individual quanto no coletivo, sendo que neste configura um sistema de referência, no qual todos se enxergam ao olhar o outro”, (Jacks, 1999, p.63), facilitando o entendimento referente ao desenvolvimento causado pelos encontros/desencontros de diferentes módulos sociais.

“O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, esta se tornando fragmentado; composto não só de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. ... O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisórios, variável e problemático.” (Hall, 2006, p.12)

E essa identidade cultural masculina, cisgênero, plural e gay, é apenas reconhecível na forma coletiva, uma espécie de reflexo da imagem social, na qual os meios desempenham uma função referencial, um veículo representativo que alimenta/nutre valores construídos e criados, tanto pela recepção, tanto pela produção. No caso das aplicativos para relacionamentos para dispositivos móveis, transmitem certos valores dessa comunidade, há uma preocupação pela valoração desse espaço de falar/retratar o homem cisgênero gay, das mais diversas formas, e esse esforço de encontrar essa representação é caro para este estudo, que busca dentro dos aplicativos *Tinder* e *Grindr*, encontrar quais identidades estão se comunicando dentro destas aplicações, que valores estão sendo agregados e propagados para os seus usuários?

O homem cisgênero gay tenta construir sua própria identidade cultural, em que pode-se dizer a cultura local “é um dos fatores de determinação de práticas culturais que diferenciam determinado grupo, fornecendo-lhe uma identidade própria, (Jacks: 1999, p.66), que agora, continua sendo somada com tantas outras identidades culturais existentes, uma movimentação de enriquecimento mútuo, estabelecendo uma ligação entre suas tradições, normas, símbolos e mitos. Com o intuito de se criar uma nova identidade, talvez um homem cisgênero gay plural, que não esquece dos seus valores históricos e políticos, e sim, os usa como bagagem para novas vivências e transformações, trazendo a identidade como “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras formas de significado”, (Castells: 2008a, p. 22), tratando assim essas novas interpretações de frente, buscando seus entendimentos e absorvendo seus valores no que lhes é conveniente/necessário, um movimento de (re)adequação social e identitária, processo único e (em partes) individual.

Pensando agora o homem cisgênero gay e a sua consciência de gênero na sociedade contemporânea, pode-se ler uma variante plural destas masculinidades, a transversalidade que opera sobre o masculino e o feminino. O experiência do corpo passa a ser melhor explorado pelo homem gay, poder descobrir mais da feminilidade, pertencer nessa instância das possibilidades, com menos receio do estar só.

“A performatividade não é, assim, um "ato" singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição.” (Butler, 2000, p. 121).

O gay afeminado, a *drag queen*, a bicha, todas as identidades queer que emergem se revezam nas performativas da pluralidade que agora pode ser assumida, aceita (por ora neste meio), e reconhecida em outros corpos e formatos tomados e (re)inventados. “A teoria *queer* não quer reivindicar uma identidade homossexual, transexual ou intersexual, mas sim a desconstrução dos binômios homossexual/heterossexual, colocando em causa todas as identidades sexuais e de gênero fixas” (Arruzza, 2010, p.10), Não há a eliminação do extrato da masculinidade, há a soma, a liberdade antes negada vem com força para ocupar todos os lugares possíveis e mostrar toda a sua diversidade cultural e identitária. As masculinidades plurais existem e mostram grande consciência do seu self, nesta modernidade reflexiva, em meio as aplicações e a criação deste espaço virtual/real, ora seguro, de contato e de vivências sobre suas sexualidades, conferindo certa autonomia em lidar com situações de preconceito que surgem dentro e fora da comunidade LGBTTIQ+, temáticas que são abordadas nas análises deste estudo.

Capítulo 2

Mídia e Consumo

Neste capítulo vamos verificar como a sociedade contemporânea se comporta nesta profusão de ofertas, qual os tons dos discursos de produção e recepção das mensagens trocadas, qual o papel da mídia nesta mediação das informações, nos tramites dos discursos como resultados do consumo desenfreado que vivenciamos contidamente. Benefícios e/ou malefícios essas transformações nos afetam como seres inseridos nesta sociedade da “cultura das mídias” (Santaella, 2003, p. 26).

“Fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, á cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando.” (Jenkins, 2009, p. 27).

Quão as tecnologias influenciam diretamente nossas escolhas e as relações interpessoais? Perceber quanto nos socializam nesta advento da convergência através das aplicações para dispositivos móveis, as funcionalidades, o que nos permitem, a facilidade ou não de interação com o real/virtual. Questionamentos que nos ajudam a entender como os sujeitos contemporâneos, as masculinidades plurais perfazem estes usos para estabelecer uma rede de comunicação direta de um discurso específico através dos aplicativos de relacionamento *Grindr* e *Tinder*.

2.1 Consumo na contemporaneidade

O consumo está intimamente ligado à cultura e vice-versa. Desse modo, devemos compreender que para além de desejos, necessidades, instintos, as práticas de consumo estão conectadas às relações sociais que representam identidades/grupos, produtos/serviços.

Para (Rocha, 2006, p.86) o consumo pode ser entendido como: “um sistema simbólico que articula coisas e seres humanos e, como tal, uma forma privilegiada de ler o mundo que nos cerca. Através dele a cultura expressa princípios, estilos de vida, ideais, categorias, identidades sociais e projetos coletivos”. Compramos ideologias, objetos, novas identidades

ou até mesmos bens simbólicos, “como toda criatura vivente, tenían que consumir para mantenerse vivos” (Bauman, 2014, p. 224). Deste modo, podemos afirmar que comprar se trata de um dispositivo que nos confere vivacidade, autenticidade e reconhecimento perante a coletividade.

A esfera da produção é um dos fatores viabilizadores do consumo e da disseminação dos códigos culturais presentes no cotidiano da sociedade. Neste sentido, a mídia efetua o papel de socializador do consumo, demonstrando assim, a forte tendência contemporânea. A sociedade hoje está carregada dos mais diversos discursos, valores e significações que são constantemente evocadas e reformuladas pela mídia, relegando ao indivíduo uma negociação constante de suas experiências/práticas, a partir do processo de recepção destes discursos, valores e significações que são carregados de aspectos sócio-culturais.

“[...] através do consumo, classificamos objetos e pessoas, elaboramos semelhanças e diferenças. É assim ver que os motivos que governam nossas escolhas entre lojas e shoppings, marcas e grifes, estilos e gostos - longe de desejos, instintos ou necessidades - são relações sociais que falam de identidades e grupos, produtos e serviços.” (Rocha, 2006, p.86)

O ato de consumir ao permitir que se estipulem semelhanças e diferenças mostram que, na nossa sociedade, os desejos são incapazes de serem satisfeitos, apenas fazem parte de um enredamento de outros desejos que são despertados, mantidos e reelaborados pela mídia. Para (Canclini, 1995) podemos tratar o consumo como um espaço de interação entre emissores e receptores, não somente em um processo de sedução, mas também um espaço para racionalizações, pois, para o referido autor na esfera do consumo se realiza parte da racionalidade integrativa e comunicativa.

Os processos de identificação no mundo contemporâneo são cada vez mais instáveis e não direcionados. A busca pelo pertencimento de um determinado grupo social faz com que esse movimento se torne liquefeito, não palpável e de frequentes mudanças. A busca por pertencer a algum grupo social torna a identidade algo de extrema relevância para nossa discussão. Todos querem ser reconhecidos pelo que pensam, expressam e consomem. Essa imposição do querer mostrar-se para o mundo e as diversas formas disso acontecer são caracterização impulsionados pela “globalização” da informação.

Toda essa movimentação causada pelo desenvolvimento econômico mundial contribuiu para a sociedade organizada em torno do consumo, na qual o “existir” passa a ter uma dependência do ato de compra, que acaba por definir pertencimentos. Estas questões, que margeiam a influência e a utilização de estereótipos, criados pelos meios de consumo e direcionados para a sociedade, são ações que desprendem um olhar mais atento a fim de decifrar quais códigos são utilizados para essa atividade obter uma proporção de domínio e estar tão presente no cotidiano social.

Nesse sentido, a mídia possui um papel importante no cotidiano dos indivíduos, através de sua onipresença, que acaba por disseminar inúmeros conceitos e pode contribuir para que sujeitos múltiplos possam existir e manifestar suas identidades. O consumo desperta um desejo interno, porém só é possível ser reconhecido no instante que se exterioriza para o todo. Especificamente, instiga a exteriorização deste “consumir” como uma forma de rotulação, ou seja, a partir do momento que o indivíduo insere-se em uma das inúmeras tendências existentes, automaticamente é alocado em um grupo que possui os mesmos traços, que culmina não na universalização destas características, mas sim na particularização, na singularidade destes sujeitos.

“Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura a sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável.”
(Bauman, 2008, p.20)

A singularidade a partir do todo reforça a ideia de que o consumo é um fator legitimador de identidades, pois o mesmo é usado como aspecto de reconhecimento, ao passo que também age como fator de distinção, ou seja, demarca a diferença em relação aos demais. Assim, ao analisar consumo e identidade, podemos delinear um entrelaçamento em alguns aspectos que são comuns, o que correlativamente possibilita um suporte ora do consumo para com as identidades, ora das identidades para com o consumo.

A variabilidade e a unicidade fundem a essência do consumo enquanto refúgio e, ao mesmo tempo, enquanto estabilidade. Uma estabilidade nunca certa, que pode residir na própria mudança. Nada impede que o consumo seja o impulso ou mesmo a mola propulsora de um movimento revolucionário, por exemplo. Ele acomoda necessidades de apoio comunitário, levando o homem a um caminho seguido pelos outros, e admite, em uma mesma ação, a tendência à igualização social e o impulso à distinção individual, ou seja, à diferença.
(Freitas, 2005, p. 127-128)

Assim como as identidades, o consumo a pode ser visto como um refúgio para a obtenção de um lugar de reconhecimento dentro da sociedade, mesmo que este seja visualizado com um olhar de estranhamento. Porém, independentemente do modo de ver, será possuidor de reconhecimento por parte do todo, que é o intuito inicial de ambas. Outro fator que influência é a divisão de classes, que forma categorias de consumo, ou seja, uns consomem mais e outros menos por não disponibilizar de um mesmo poder aquisitivo.

A exemplo podemos dizer que os estilos presentes na sociedade são instituídos através das tendências apresentadas pelo consumo, ou seja, é possível reconhecê-los por meio do modo

de vestir-se, pelos objetos usados, bem como pela maneira de expressão, pois eles denotam o seu lugar de pertencimento.

Essas expressões perpassam a ato de consumo e fazem parte da identidade de cada indivíduo, obtendo o prazo de validade que lhe contrata, e nesse jogo de pertencer os resultados efêmeros acabam por influenciar comportamentos, quem tem e o que tem, precisam serem vistos, precisam serem expostos para gerar identificação e distinção, seja pelo capital simbólico, econômico ou cultural (Bourdieu, 2013).

2.2 Tecnologias e sociabilidades

Em tempos de acessibilidade e convergências dos meios, as aplicações encontram usuários atentos e vorazes para consumir o que nelas se aborda, os usos e causas que as tecnologias inferem sobre a sociedade globalizada. A lógica entre produção e recepção encurtou-se e as respostas dos usuários são muito mais intensas, proporcionando uma rapidez no aprimoramento das técnicas, nomeadamente das aplicações para dispositivos móveis. A probabilidade de estar permanentemente conectado aos dispositivos móveis, os perfis são fixados neste suporte que a sua experiência causa na virtualidade, dinamizando situações que influem sobre o tempo-espaço, atribuindo velocidade e certa praticidade em seus usos.

“A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.” (Castells, 2003, p. 287)

A sociedade em rede ilustra a grande influência que a tecnologia tem sobre as práticas sociais hoje instituídas, ela modela e cerca as ações antes tidas como individualmente isoladas, e lança em uma dimensão maior que liga pessoas pela virtualidade, gerando um número de encontros e possíveis desencontros. Cabe aos impactos e reflexos desta interação que ocupa uma posição hegemônica na contemporaneidade. “Existimos, assim, configurando uma espacialização virtual onde a direcionalidade e a distância estão confusas ou ainda indefinidas” (Fidalgo, Tellería, Carvalheiro, Canavilhas & Correia, (2017),

“Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se

pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria.” (Lévy, 1993, p.7).

A onipresença é intensa e pede atenção aos seus usos, pois esta rede é também social, por mais dispositivos envolvidos ela é composta por sujeitos, baseada na mobilidade, ela é autônoma, possibilita estarmos no plano real sobre nós mesmos, e a continuidade do nosso ser no plano virtual, “nunca abandonamos as redes, e as redes nunca nos abandonam; Esta é a verdadeira maioria da sociedade em rede”, (Castells, 2008b, p. 448)³.

“Por exemplo, a comunicação sem fio veio ao resgate da família pós-patriarcal. Esta é a família formada por indivíduos que afirmam sua autonomia, ... e que, ao mesmo tempo, precisa de sistemas constantes de coordenação, monitoramento, suporte e backup. A possibilidade de alcançar qualquer um a qualquer momento em qualquer lugar oferece esse padrão de autonomia segura que caracteriza a vida diária de milhões de famílias ao redor do mundo.” (Castells, 2008b, p. 449)⁴

A abordagem da teoria do poder, (Foucault,2003) quebra com a certa verticalidade, dissociando o poder como pertença de apenas um ser, tornando-o algo transversal, levando em consideração os valores culturais e sociais de determinado momento, em que a contemporaneidade confere certa autonomia aos diversos indivíduos que dela usufruem, os dispositivos ora servem como ferramenta de expressão de certo poder e demarcação territorial. Poder escolher qual mensagem quer ser enviada por determinado indivíduo tem muito a ver com os processos indenitários de construção desse perfil na rede, não há certo nivelamento pois as mensagens são postas neste espaço, com certas preocupações.

“Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’ - como ‘consumidores’ para os mesmos bens, ‘clientes’ para os mesmos serviços, ‘públicos’ para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo.” (Hall, 2006, p.74)

Nos últimos 5 anos o crescimento de 32% no uso de internet, passando por uma democratização do acesso, 47% são homens e 51% do total pertencem as classes AB, mais elevadas, passando por um consumo em um dia típico em média de 3 horas e 33 minutos. Em que 64% fazem acesso à rede pelo smartphone, em que o uso principal do uso são para as redes sociais, 82% do total pesquisado na América Latina e Países da Europa (Target Group Index, 2016).

³ Tradução do autor. A frase original é traduzido a partir de: “We never quit the networks, and the networks never quit us; this is the real coming of age of the network society.”

⁴ Tradução do autor. O excerto original é traduzido a partir de: “For instance, wireless communication has come to the rescue of the postpatriarcal family. This is the family formed by individuals who assert their autonomy, ... and that at the same time needs constant coordination, monitoring, support, and backup systems. The possibility to reach any one at any time anywhere provides this safe autonomy pattern that characterizes the daily life of millions of families around the world.”

“Com o avanço da posse de dispositivos móveis, a experiência de consumo de meios acabou sendo enriquecida, seja pela ampliação desse consumo, que pode acontecer quando e onde o consumidor quiser, quanto pela possibilidade de interação e engajamento que essas plataformas proporcionam. Essa realidade, que pode ser vista em todo o mundo, tem contribuído para estreitar as relações entre o consumidor e os produtores de conteúdo.” (Target Group Index, 2017)

Esta realidade globalizada é fortemente ativa entre os usuários de aplicações pois consomem certos os produtos e serviços que estão online, as barreiras de tempo-espço encontram um alargamento que proporciona essa passagem, facilitando o transito entre informação e consumo em diversas instâncias e segmentos, a relação entre usuário e tecnologia possui diferentes níveis, “esta relação dá origem à construção da intimidade tecnológica, que representa a identificação da ligação física e emocional entre um ser humano e um sistema tecnológico” (Fidalgo, et al, 2017, p. 34).

Os dispositivos móveis como forma de extensão do individuo é uma estratégia mais ousada nas aplicações, permitir que as escolhas, gostos e práticas cotidianas possam ser projetar por diferentes espaços e níveis que o corpo físico, por si, dificilmente conseguiria abranger, provocando certo desejo no pertencimento a este espaço condicionado pelas virtualidades. Provoca grande engajamento nas redes, porém limita a performance no campo social, já que por trás do aparelho o individuo ainda é matéria e esta preso a esta realidade, o que não impede o seu sucesso no campo virtual, as possibilidades são inúmeras e os riscos são reduzidos pela liquidez que esses processos são tomados, as interfaces são as ferramentas que permitem interatividade entre o campo do virtual e o mundo social (Lévy, 1999).

No jogo das identidades é inevitável pensar como se deseja serem vistas as escolhas de cada indivíduo, colocando-os em uma situação de exposição da sua vida, da sua intimidade e suas preferências, o que pode causar alguns conflitos quando estas tantas seleções acabam por serem mal interpretadas pelo coletivo ao qual é inserido o seu Eu. Provocando um fissura no campo virtual que prontamente chega ao social, pois não são ações desconexas, uma precisa da outra para coexistir enquanto essa relação assim for avaliada como positiva, cabendo sempre ao plano social o valor de escolha e negação desses serviços propostos pela rede imaginada. Os filtros estão disponíveis ao alcance de um toque, prática e rápida essa atitude representa o cotidiano de quem esta imerso nessa profusão de informações e ofertas, legitimada pela nova moeda de troca no plano da internet, as informações pessoais são caras, e quando bem aplicadas rendem novos valores a serem comparados e publicitados no universo virtual.

Bauman (2008) aponta a transformação das pessoas em mercadorias em uma sociedade voltada para a confissão das suas vidas pessoais e expor os casos de intimidade, transformando a linha que separa o privado do público quase invisível aos olhos que observam

essa transição no espaço onde se encara como virtude o dever de tornar público. A informação pessoal como mercadoria é cotada diariamente pelas empresas que analisam os perfis que nelas flutuam, demonstrando grande interesse nos perfis bem sucedidos e tentam eliminar os não tão lucrativos, uma seleção não-natural que se impõem sobre os usuários e suas práticas vistas como negativas, “as ervas daninha no jardim do consumo” (Bauman, 2008, p. 11).

Os usuários da rede tecnológica são eles próprios promotores de mercadorias e mercadorias que promovem, jogo trazido por (Bauman, 2008) que baliza o local que todos habitam também o mesmo espaço social experimentado como mercado. A busca pelo destaque, pela fama é um grande combustível que move os usuários nos usos das aplicações e da abertura da vida pública, o anonimato não é bem visto, compara-se como uma ruína dos artifícios postos e construídos, que perdem interesse se não bem administrados. É falta de atenção negar a forte conotação mercadológica mascarada em sociabilidades e tecnologias, estas analisam fortemente todos os corpos inseridos nesse jogo de competição, quanto mais se torna público, mais pertence, quase se chega a exaustão, a tentativa de viver uma vida onde o virtual ultrapassa o social, a ilusão toma conta da identidade e esta se manifesta de forma fictícia, mascarada de um episódio falsa satisfação.

2.3 Era das Experiências

Vivemos uma subjetividade do consumo atrelados as nossas identidades e escolhas de cotidianas, suscitando uma onda de acontecimentos plurais que coincidem sobre nossos corpos físicos e virtuais. No espaço das mobilidades de pessoas, tecnologias e conhecimento sem algum precedente, as experiências se enriquecem nessas ações, o ilusório acaba por oferecer novas sensações sobre os indivíduos, a busca se torna mais fácil e os ensaios produtivos. O que antes poderia limitar, hoje expande.

“Um encontro face a face exige o tipo de habilidade social que pode inexistir ou se mostrar inadequado em certas pessoas, e um diálogo sempre significa se expor ao desconhecido é como se tornar refém do destino ... o olhar que dirijo inadvertidamente a outra pessoa revela meu próprio eu.” (Bauman, 2008, p. 27)

A alternativa que é ofertada confere conforto quando tratada pelo viés das afetividades, o encontro casual é mediado pelas aplicações sendo uma excitante busca pelo desconhecido. Na aposta pela atração os sujeitos virtualizados flertam com iguais e diferentes na tentativa de inserção coletiva, projetando o encontro de pares e/ou grupos que possam se relacionar em diversos níveis, certa inquietação que aguça as percepções a cerca das relações efetivas e afetivas tidas por intermédio das aplicações.

“A rede mundial de computadores permitiu a socialização em rede - de forma anônima e relativamente segura - para pessoas que temiam retaliações sociais afastando-as da solidão e permitindo o contato efetivo e modulado com eventuais parceiros e amigos.” (Miskolci, 2015, p. 67)

A segurança aqui marcada é atraída baseada nas relações afetivas entre homens cisgênero *gays*, que nas aplicações encontram maneiras de sociabilidades as vezes provadas em um plano social. A questão geográfica, social, cultural e de classe, são fatores importantes nessas experiências, pois nas aplicações há um certo nivelamento entre os usuários, alegorias que podem ser administradas e polidas com fáceis ajustes.

“As novas gerações encontram nos aplicativos uma economia de abundância que induz à escolha do mais “bonito” ou “interessante”, mesmo para um encontro sexual fortuito, de forma que a geolocalização apenas adiciona o critério da proximidade na seleção. Os aplicativos se revelam descendentes diretos de outras plataformas de socialização online, em especial os sites de busca de parceiros e os já quase abandonados bate-papos. Nessa espécie de linha evolutiva das plataformas se mantém a possibilidade de seleção como o grande atrativo. ... O surgimento da internet comercial em meados da década de 1990 tornou possível essa busca, a começar pelo uso dos bate-papos, experiência quase “pedagógica” que se transferiu para as plataformas seguintes até chegarmos aos aplicativos para dispositivos móveis. ... Assim, é possível aventar a origem do hookup entre gays no processo de higienização da busca de parceiros provida pelos meios digitais. ... O qual torna o espaço público cada vez mais controlado e afeito às sociabilidades heterossexuais hegemônicas. Nesse contexto, cada vez mais, a sociabilidade homossexual tende a migrar para o espaço relacional online.” (Miskolci, 2016, p. 24)

Sofrendo forte opressão pelo meio social os homens cisgênero *gays* acabam se refugiando nas aplicações, o que pode ser interpretado como positivo e negativo. Positivo por ser um espaço neutro, onde a certeza de estar entre iguais é mais provável, a conversa é facilitada e alimentada por alegorias propostas pelas aplicações, no caso do *Grindr* e *Tinder* o envio de fotos, ou *gifs* animados, estratégias para quebrar o gelo e demonstrar interesse em outros usuários, uma aproximação virtual que pode vir social, caso as partes envolvidas assim decidam. A questão negativa prende-se a higienização do espaço social, onde é mais confortável para a norma vigente manter os dissidentes no espaço privado e virtual através dos usos das plataformas digitais, limitando de certa forma as performativas dos corpos. Mesmos em espaços de sociabilidade gay as aplicações servem de meio de comunicação entre os indivíduos, o que acaba de certa forma segregando a comunidade.

“Mesmo em um café, um bar ou uma boate, hoje em dia, a maioria empunha seus smartphones para ver quais usuários estão próximos e online. O que atrai as novas gerações e já foi até mesmo incorporado cria estranheza e dificuldades relacionais para os mais velhos.” (Miskolci, 2016, p. 21)

Além das corporalidades e sociabilidades podemos pensar as aplicações como engendramentos mercadológicos sobre os usuários, a experiência do indivíduo não está mais totalmente calcada nas tradições ou aspectos culturais, mas também no discurso mediado pelas instituições. Para (Silverstone, 1999, p.37), a mediação “é infinita, produto do desenredado textual nas palavras, nos atos e nas experiências da vida cotidiana”. Como exemplo, podemos nos valer da publicidade que, inúmeras vezes, apropria-se de fragmentos da realidade e usufrui de maneira explícita das tendências do mercado, o que acaba por propiciar uma incorporação significativa por parte dos receptores, neste ponto, a dimensão que a mídia obtém é essencialmente relevante, ao ponto de ser um dos principais meios de propagação.

Outro fator importante, no mais amplo de suas concepções é a moda, que chama atenção de muitas áreas de estudo por se tratar de uma fonte incessante de novidades que despertam o desejo e se transforma num fenômeno social. Além de estabelecer tendências e delinear comportamentos é fundamental para a economia. Para isso, o universo publicitário utiliza-se não só de seus recursos imagéticos, mas de imagens com apelos ao racional e ao emocional, expressos pela maneira como os anúncios são propostos instigando desejos de uso e consequentemente de compra.

A palavra moda deriva do vocábulo *fashion*, que se refere à atividade e, no sentido original de sua terminologia, exprime o conceito de fetiche, tão almejado pelos consumidores que segundo (Barnard, 2003, p. 24), visualizam suas roupas como “hieróglifos sociais”, omitindo sua posição social ao mesmo que a comunica. Visualizamos a moda, então, como um elo que estabelece relações sociais. Ela se faz existente a partir de duas premissas: a necessidade de união e a de aspiração pelo isolamento. Estas duas concepções referem-se ao anseio do indivíduo de ser um sujeito particularizado e visto pelos demais como tal, ao mesmo tempo em que possui a necessidade de pertencimento a algo, como por exemplo, aos grupos sociais, sem que corram o risco de perder sua individualidade.

A moda agrega aspectos como a imitação/universalização e ainda a distinção/particularização. Essas dualidades são facilmente expressas por meio das tendências no campo da moda, que acessa aspectos psicológicos que exercem uma influência no processo de imitação e, ao mesmo instante, de particularização. Conforme (Simmel, 1988, p.111), “É essencial para a moda que ela penteie com o mesmo pente todas as individualidades; mas o fará sempre de tal modo que ela nunca se apossa de todo do homem, permanecendo de fato infalivelmente algo de exterior a ele”.

Sendo uma formação essencialmente sócio-histórica tanto desempenha papel normativo e, por conseguinte coercivo, como também através de ressignificações e apropriações de sentidos (Lipovetsky, 1989), a moda pode ser mecanismo de mudança social e, portanto, um

substrato plástico capaz de dar corpo uma nova configuração social. Para além destas instâncias, o campo da moda é um meio de comunicação, que se encontra constantemente em pauta, disseminando modos de vestir, agir e uma diversidade de possibilidades de criar/recriar a partir do já existente, bem como o poder de inibir os aspectos já ultrapassados. O que causa um reflexo sobre os bens, produtos e serviços, que se baseiam nesse medidor composto pela indústria da moda que confere certas oportunidades no lançamento e criação de tendências que seguem acompanhadas de novos desejos de consumo.

Para além das disposições lançadas pela ótica da moda, da publicidade e da comunicação, as aplicações são empresas e precisam capitalizar os usos dos seus serviços para existirem, deste modo se apropriam da publicidade e das tendências de mercado para atrair e cativar seus usuários afim de que estes sirvam de base para investimentos de marcas que sintam-se seguras de apostar neste nicho de mercado, uma aposta assertiva, pois conta com um grupo de indivíduos extremante segmentado e passível de aceitar diferentes formatos de abordagens na mensagem a que se quer transmitir. A comunicação entre marcas, bens, produtos e serviços acaba por encontrar um ambiente frutífero para as suas estratégias, ofertando uma lucrativo acordo entre as empresas, especificamente as aplicações. Nos seus sites institucionais, o *Grindr* e *Tinder*, possuem uma sessão apenas direcionada para anunciantes, com dados estatísticos de usuários, segmentação etária e regional, assim como um perfil básico do usuário, quanto tempos este fica online nas aplicações e ainda apresentam uma amostragem de numero de usuários ativos e de novos perfis incorporados as aplicações por dia, um forte aporte que impressiona essa alternativa mascarada de entretenimento e casualidade.

2.4. *Grindr e Tinder*

Esta subdivisão traz informações que facilitem o entendimento sobre os aplicativos abordados como parte dos corpus desta pesquisa. Contextualiza-se sua criação, seus compromissos com o público que atendem e as funções que cada um desempenha no misto de tecnologia e redes sociais. A importância que cada um destes aparatos tem em dimensão virtual que recai sobre o real, um suporte que mescla fatualidades e anseios, pois é feita para pessoas e estas são grandes responsáveis por esses usos, as aplicações são apenas um canal de ligação que aproxima possibilidades dentro de uma comunidade estigmatizada pelo social que se insere, “as novas mídias digitais apenas reforçam esse novo cenário em que há uma progressiva “desterritorialização” da sociabilidade anterior.” (Miskolci, 2016, p. 21)

2.4.1 Grindr

Criado no ano de 2009, o *Grindr* se tornou hoje o maior aplicativo de redes sociais com uso objetivo para homens cisgênero gays, bissexuais, homens transgênero *gays*, “*queer men*” e curiosos. Com o objetivo claro de criar um espaço virtual de sociabilidade para relacionamentos, encontros, sexo casual, a experiência que o usuário bem entenda, desde que respeite a política de privacidade da aplicação⁵.

“Desde o lançamento em 2009, a *Grindr* cresceu rapidamente para o maior aplicativo de redes sociais do mundo para homens gays, bi, curiosos e queer men. Com milhões de usuários diários que abrangem quase todos os países em todos os cantos do planeta, *Grindr* traz você a zero pés de distância de se conectar a uma comunidade que se fortalece todos os dias.

Agora, mais do que apenas um meio para conversar e conhecer, *Grindr* está fornecendo uma janela acolhedora para um estilo de vida apaixonado e progressivo. O nosso conteúdo e colaborações em rápida expansão em fotografia, moda, questões sociais e mais marcam um novo e audaz novo capítulo em nossa evolução. (Grindr, online, 2017)”⁶

Com base neste recorte fornecido pela própria aplicação, verificamos que o *Grindr* tem um grande diferencial, e foca suas ações em um público bem específico, o que proporciona uma linguagem próxima dos usuários, promovendo de certa forma a relação entre produção e recepção. A aplicação trabalha com geolocalização, partindo da localização atual do usuário, e a partir disso, mostra os perfis de outros usuários em ordem de proximidade, mede esta distância através de “pés”, um dos códigos próprios do *Grindr*, indicando a facilidade da possível conversa/encontro acontecer pela provável proximidade entre os utilizadores.

Com uma interface sombria, cores escuras, escala entre preto e cinza, sua logomarca apresenta uma máscara como ícone, o que reforça em certo ponto o mistério e o segredo, a aplicação ganha uma conotação muito mais sexual, do que apenas encontros despreocupados (figura 02). A interface dispõem inúmeras categorias de informações para o usuário preencher seu perfil, as informações não são obrigatórias, se preenche e torna-se visível apenas o que se quer. O uso de uma foto não é obrigatório, assim como não abriga a ter foto de rosto, a única implicação é contra fotos de nudez, que é proibida pela aplicação. O passo a passo para completar um perfil no *Grindr* começa pela escolha de uma foto (ou não, como referido); *Display name*, onde pode usar de 15 caracteres para titular seu perfil; *About Me*, 250

⁵ Consultar <https://www.grindr.com/privacy-policy/>

⁶ Tradução do original: “Since launching in 2009, *Grindr* has quickly grown into the world’s largest social networking app for *gay*, bi, curious and queer men. With millions of daily users spanning almost every country in every corner of the planet, *Grindr* brings you zero feet away from connecting to a community that grows stronger every day. Now more than just a means to chat and meet, *Grindr* is providing a welcoming window into a passionate and progressive lifestyle. Our rapidly expanding content and collaborations in photography, fashion, social issues and more mark a bold and exciting new chapter in our evolution. (Grindr, online, 2017)

caracteres para um breve descrição pessoal; *Show Age*, ativa ou não o aparecimento da sua idade (mesmo na versão gratuita); *Age*, onde pode ser posta a idade do usuário; *Height*, informa a altura; *Weight*, notificar o peso; *Body Tipe*, opção de escolher o tipo de corpo com o qual se auto identifica (a aplicação oferta 7 opções), ou optar por não mostrar essa informação no perfil; *Position*, o usuário escolhe a posição sexual que se auto determina, por ativo, versátil/ativo, versátil, versátil/passivo, passivo; *Ethnicity*, oferta 10 opções de auto definição sobre a etnicidade do usuário; *Relationship Status*, entre não mostrar, compromisso, em encontro, noivo, exclusivo, casado, relacionamento aberto, com companheiro e solteiro, o usuário pode escolher como melhor se enquadra o seu estado amoroso; *My Tribes*, oferta ao usuário escolher entre as tribos que busca ou pertence, entre *Bear* (homens a cima do peso e peludos), *Clean-Cut* (circuncidados); *Daddy* (homens com aparência de pais); *Discreet* (discretos); *Geek* (peculiaridade de pessoas que exercem atividade intelectual); *Jock* (esportista); *Leather* (prazer pelo couro, roupas e acessórios); *Otter* (outros); *Poz* (homens cisgênero e pessoas transgênero HIV positivos); *Rugged* (brutos); *Trans* (pessoas transgêneros); *Twink* (jovens ou com aparência juvenil); *I'm Looking For*, opção de escolher entre conversas, encontros, amizades, contatos (Networking), relacionamentos, e agora (sexo); *Sexual Health*⁷, possibilita a escolha de informar o *HIV Status*, entre não mostrar, negativo, negativo em PrEP⁸, positivo, e positivo indetectável; *Last Tested Date*, informa quando o usuário realizou seu ultimo teste de HIV; *Sexual Health FAQ*, link para informações dispostas pela aplicação sobre cuidados preventivos a doenças sexualmente transmissíveis, médicos, sobre HIV, PrEP, testes de sangue, entre outras perguntas frequentes; *Social Links*, permite o usuário linkar suas redes sociais, *Instragram*, *Twitter* e *Facebook*, se assim o desejar. Na imagem abaixo ilustra a interface do *Grindr* no sistema operacional IOS, onde podemos perceber sua estética, observando também o *Fresh Faces*, atualização que mostra os novos perfis da aplicação, mais perto de você.

⁷ Consultar <https://grindr.tumblr.com/post/156293715958/new-to-grindr-profiles-hiv-status-and-last-test>

⁸ Pre-Exposure Prophylaxis, A PrEP é a utilização de um medicamento para evitar que uma pessoa que não tem o HIV adquira a infecção quando se expõe ao vírus. Consultar: <http://prepbrasil.com.br/duvidas-frequentes/>

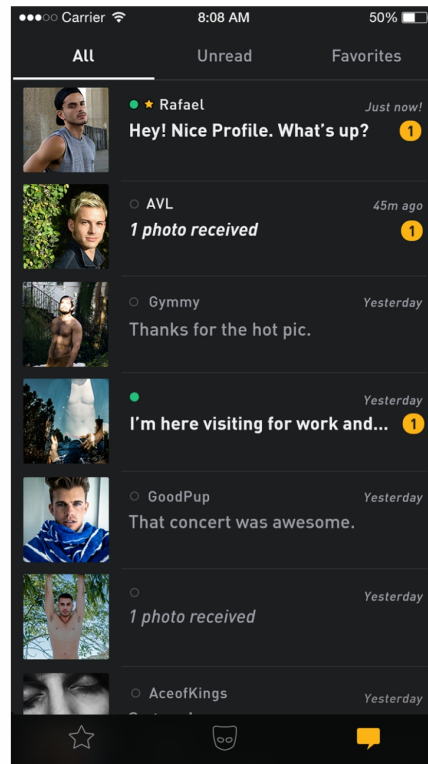
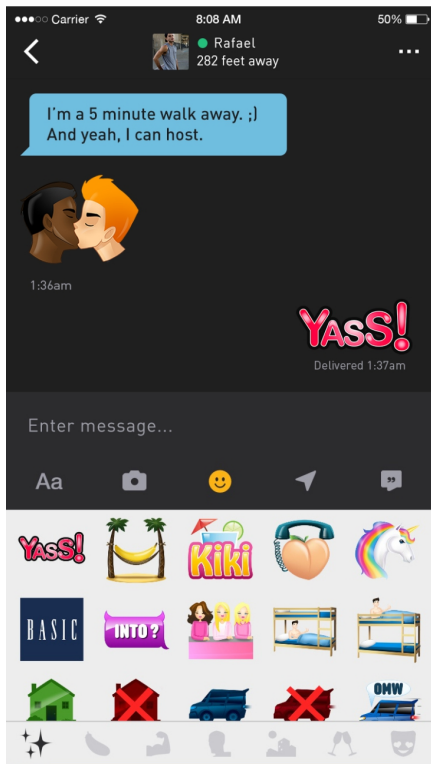
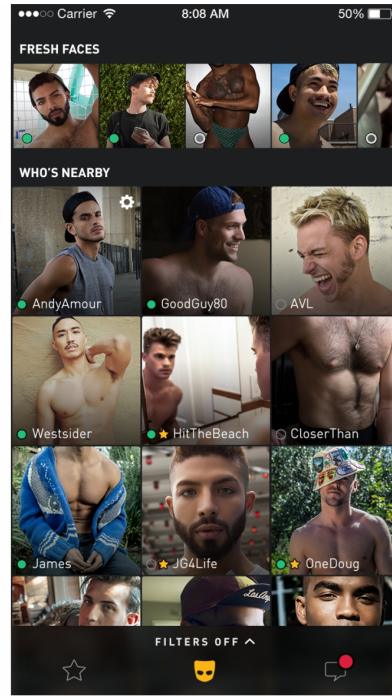


Figura 02, Grindr Presskit. Ilustra da esquerda para a direita: Perfil Inicial, Fresh Faces, Gaymoji e Bate Papo na aplicação.

Entre as suas últimas atualizações o Grindr criou o Gaymoji⁹, que consta com mais de 500 imagens que apresentam o grupo LGBTTIQ+ para usar em conversas na aplicação e na troca de

⁹ "Gaymoji é uma coleção de mais de 500 adesivos com temas LGBTQ usados para personalizar chats no aplicativo ou mensagens de texto que você envia em seu telefone. É uma nova maneira divertida de

mensagens em geral pelos dispositivos móveis. Assim como as *Taps*¹⁰, ícones disponíveis em três formas e cores na aplicação, que servem para notificar outro perfil, demonstrando interesse sem usar de texto verbal. A aplicação tem o posicionamento de ser um facilitador para conhecer homens cisgênero gays, bissexuais, Transgêneros e curiosos com mesmos interesses, e faz disso seu grande diferencial, comprovada pelos inúmeros usuários funcionais desse serviço, e por ser o primeiro aplicativo a ter essa projeção internacional. Hoje para além de uma aplicação, o *Grindr* se torna uma certa rede social para seus usuários, criando diferentes interações e produtos digitais, reforçando sua importância e preocupação com a comunidade LGBTTIQ+.

O *Grindr* oferta uma possibilidade de escolhas aos seus utilizadores, na tentativa de melhor projetar seu perfil ao encontro das necessidades específicas de cada um, e trata a prática sexual com certa naturalidade, diferente de outras aplicações do mesmo nicho de mercado. No *Grindr* se fala sobre sexo, e tenta prevenir e acabar com estigmas impostos sobre a prática sexual entre homens cisgêneros gays, bissexuais e pessoas Transgênero. A própria aplicação tem um banco de dados e informações que auxiliam possíveis dúvidas que o usuário venha a ter sobre determinados temas em relação a sexualidade e prática sexual.

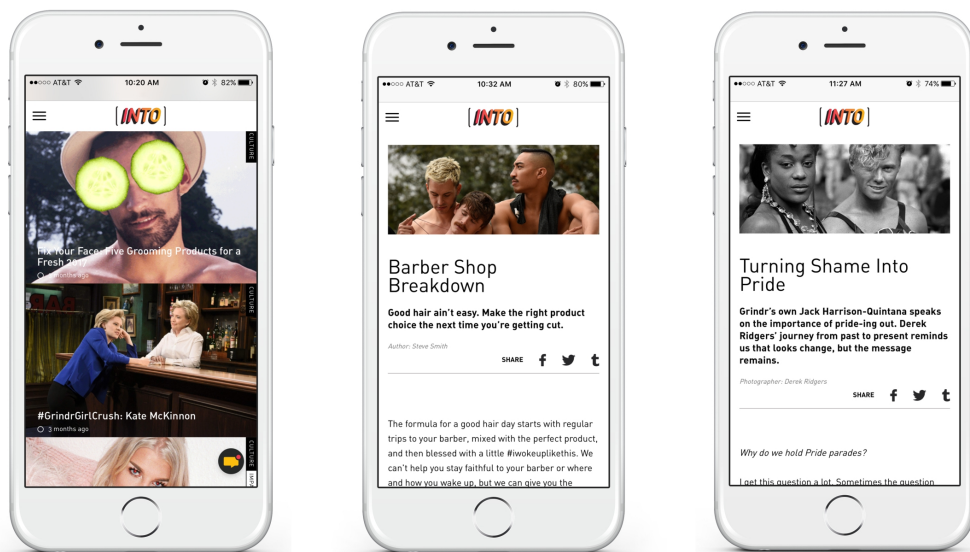


Figura 03 *Grindr PressKit. Into*, Mídia Digital do *Grindr*.

falar algo em seu idioma para sua comunidade. Foi projetado e lançado por nós ... apenas para você.” (Grindr, online, 2017)

¹⁰ “As *Taps* são uma ótima coisa! Elas podem ser usadas para quebrar o gelo - mostrar um outro cara que você está interessado, sem ter que encontrar as palavras certas.” (Grindr, online, 2017)

O *Grindr Xtra*¹¹ é a opção paga desta aplicação que consiste em trazer mais de 600 perfis disponíveis para visualização, optar para apenas perfis que estiverem online como filtro, ter acesso a descrição de mais *Tribes*, dentre outras vantagens que o serviço oferta. Outra novidade é a *Into*¹², mídia digital que o *Grindr* lançou neste ano de 2017 com conteúdo específico para a comunidade da aplicação, tematizando cultura LGBTTIQ+, viagens, ativismos, estilo de vida, saúde e conteúdo pensando uma identidade *queer* plural. Como sendo ainda novo, este portal não têm muitas informações sobre seu impacto na comunidade do aplicativo, mas apresenta uma forte estrutura e um bom canal de acesso a acontecimentos históricos e atuais sobre a aplicação e a sociedade contemporânea onde vivemos. Mais uma vez o *Grindr* inova e cria uma ponte direta com seu público.

2.4.2 *Tinder*

Esta aplicação foi criada no ano de 2012 nos Estados Unidos da América, com a finalidade de promover a conversa entre pessoas por um viés da amizade, namoro, network, ou qualquer outra atividade que os usuários assim desejem, sempre obedecendo a política de privacidade¹³ do serviço ofertado.

As pessoas que conhecemos mudam nossas vidas. Um amigo, uma data, um romance ou até mesmo um encontro casual podem mudar a vida de alguém para sempre. O *Tinder* permite que usuários do mundo todo criem novas conexões que não seriam possíveis se o app não existisse. Construímos produtos que aproximam as pessoas. (*Tinder*, online, 2017)

Com base nesta descrição retirada da própria página online da aplicação podemos ter algumas percepções, um produto digital que promete conexão com entre pessoas sem qualquer peso, mascarado de algo totalmente casual e instantâneo, acercando indivíduos ao redor do mundo, ofertando uma possível comunicação e prováveis experiências. O *Tinder* quer ser lido como um facilitador para as relações interpessoais, encurtar as distâncias, possibilitar uma nova forma de se trocar informações e viver uma experiência vista pela empresa como um produto que aproxima pessoas.

Essa comunicação não é tão livre e depende de vários passos a serem acompanhados para que ela de fato aconteça. Por se tratar de uma interface digital o *Tinder* tem uma métrica a ser seguida. Primeiro você precisa ter um dispositivo móvel que comporte esta tecnologia e dados móveis de navegação ou uma rede de Internet para efetuar o download e uso desta plataforma. É preciso inserir na interface dados pessoais para ativar e criar seu perfil, precisa fixar um e-mail e uma senha, ou a sincronização com a rede social Facebook, onde esta ação

¹¹ Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/en-us/articles/115008879108-What-is-Grindr-XTRA->

¹² Disponível em: <https://intomore.com>

¹³ Disponível em: <https://www.gotinder.com/privacy>. Acesso em ago. 2017.

já pré-molda o perfil do usuário, com informações obtidas, uma via tida como mais fácil de iniciar o uso.

Com base nesta sincronização de dados entre o *Tinder* e um perfil pessoal do *Facebook*, é pedido certas autorizações ao usuário, as informações que quer tornar pública na interface da aplicação, como fotos, *fanpages*¹⁴ que foram curtidas pelo usuário no *Facebook*, informações pessoais do perfil, onde estudou, cidade onde vive, onde trabalha. Informações estas que pode ser aceitas ou negadas pelo usuário. Você pode escolher até 6 fotos para o seu perfil, e se ativar a opção *Smart Photo* em que automaticamente a foto mais acessada por outros usuários, se torna sua foto principal do perfil e que pode ir mudando de acordo com os acessos. O *Tinder* permite uma breve descrição de 500 caracteres para o perfil, assim como o atual emprego, a escola ou universidade que frequenta/frequentou, conectar outra rede social o *Instagram*¹⁵ ao perfil, assim como escolher uma música favorita, vinculada ao *Spotify*¹⁶, se é usuário desde serviço pode adicionar seu perfil do *Spotify* ao *Tinder*.

Também há a identificação por gênero, onde o *Tinder* oferta duas opções de apenas, homem e mulher, de forma binária. Por ora está é uma limitação que a aplicação encontra, apenas nos países Espanha, Alemanha e França a opção *More*¹⁷ está ativa a partir deste ano, e com previsão de ser implementada nos Estados Unidos da América, Canada e Reino Unido. Opção esta que tenta minimizar os constrangimentos causados a pessoas Transgênero ou Assexuadas. Movimento ainda lento, já que aplicação não é ativa apenas nestes países citados a cima, o que exclui inúmeros outros e outras usuários e usuárias.

Posterior a completar seu perfil no *Tinder*, a aplicação usa sua base de dados, tanto da recolha de informações do seu Perfil no *Facebook*, como amigos e *fanpages* que você acompanha e cria uma rede de conexões entre o seu perfil e dos seus amigos, a fim de alargar as possibilidades de encontrar pessoas que tenham algo em comum com o seu perfil. Você ainda pode editar certas ferramentas de busca, como distância máxima e mínima de alcance (em torno de 2km para mínima e 160km para máxima), a partir da sua localização atual (medida por GPS¹⁸). Pode alterar os gêneros das pessoas que queira encontrar na aplicação, podendo optar por homens, mulheres, ou ambos, assim como filtro pela idade que vai de mínima (18 anos) a máxima (55+ anos).

¹⁴ O *Facebook* permite a criação de páginas na sua interface, onde este espaço pode ser de cunho artístico, corporativo, institucional, humor, entretenimento, entre outros. Onde o usuário pode curtir, ato que permite acompanhar o conteúdo produzido pelas páginas selecionadas, criando interação entre o usuário e as ditas *fanpages*.

¹⁵ Criada em 2010 a rede social de imagens e vídeos conta com uma comunidade de mais de 600 milhões que capturam e compartilham os momentos do mundo no serviço.

¹⁶ Serviço de músicas em streaming criado em 2008 conta com mais de 60 milhões de usuários, e funciona em versão gratuita e na versão paga, o *Sotify Premium*.

¹⁷ Disponível em <http://blog.gotinder.com/genders/>

¹⁸ Global Positioning System.

Posterior a estes alinhamentos pode-se fazer o uso deste serviço, que conta um uma didática minimamente simples. Quando no menu principal da aplicação percebido pela imagem abaixo, na barra superior da esquerda para direita, vemos um ícone para acessar as configuração do perfil; centralizado vemos a logomarca da empresa; e o ícone para ter acesso aos matches e suas conversas.

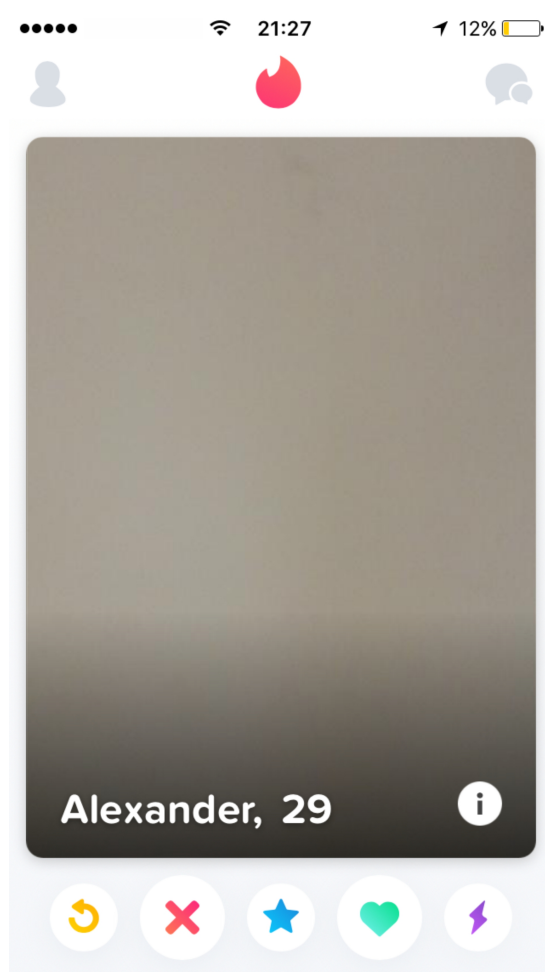


Figura 04: *screenshot* da interface inicial do *Tinder*

Seguindo a mesma imagem, no centro, vemos a fotografia do(a) usuário(a) junto ao seu nome e idade. Na parte inferior da barra de comandos, em amarelo é o ícone para obter o *Unlimited Rewinds*, permite na versão paga rever o perfil que passou; em vermelho temos o ícone *Nope*, que nega o perfil em destaque e passa para o próximo; em azul temos o ícone *Super Like*, ação que permite notificar automaticamente a pessoa, mesmo ela ainda não

tendo acesso ao seu perfil no *Tinder*, disponível apenas uma vez a cada 24h (na versão gratuita); o ícone verde é o *Like*, comando que permite dar o primeiro passo em um possível *match*¹⁹ (número de *likes* limitado por dia na versão gratuita); na cor roxa está o *Skip The Line*, não disponível na versão gratuita, permite que seu perfil fique mais visível no período de 30 minutos a cada ativação deste ação, que deve ser paga de acordo com os valores apresentados pela aplicação.

O que diferencia o *Tinder* das outras aplicações para relacionamentos, é que antes da conversa ser possível, ambos os perfis têm que ter dado um *Like* um ao outro, na tentativa de eliminar qualquer constrangimento inicial de uma conversa regular. Quando há um *match* já há uma inclinação mínima de que ambos escolheram iniciar esta conversação. Como percebido na imagem abaixo.

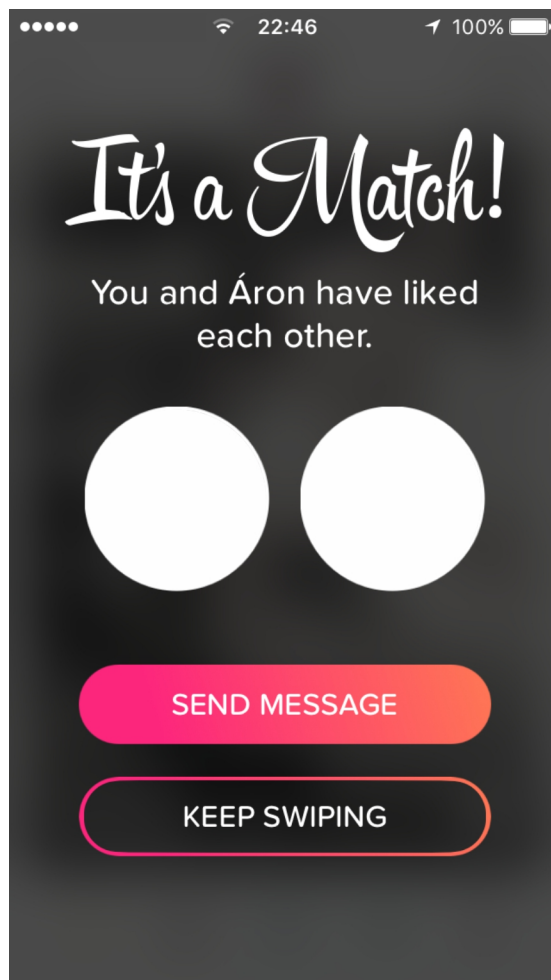


Figura 05: screenshot retirado do *Tinder*

¹⁹ Termo popularizado pelo *Tinder* com tradução livre, tem vários significados como: partida e combinar, ou o fósforo, fazendo ligação com a chama que ilustra a logomarca da empresa. A palavra *Match* é usada na aplicação para assinalar quando ambos os perfis dos usuários deram um "*Like*", um ao outro, ativando assim a conversa entre os dois perfis.

Além da versão gratuita, o *Tinder Plus* oferta outras tantas experiências na sua versão paga, conta especificamente com 9 opções extra, alguns já foram apresentados acima, as outras opções são: *Unlimited Righth Swipes*, garante a facilidade de Likes ilimitados, diferente da versão gratuita; *Skip The Line*, como já foi referido; *Control Who You See*, possibilita a escolha dos perfis que irão aparecer no seu menu principal, garantindo ao usuário(a) os mais recentes perfis para serem vistos primeiro, e ainda optar por apenas os usuários que você selecionou possam ver o seu perfil; *Passport To Any Location*, autoriza que você mude a atualização da sua localidade, dando possibilidade de explorar usuários em qualquer parte do mundo (onde o *Tinder* é ativo); *Control Your Profile*, libera o usuário a controlar se deseja ou não mostrar a sua idade e a sua distância perante os outros; *Get Extra Super Likes*, possibilita 5 *Super Likes* extra ao dia; *Rewind Your Last Swipe*, aprova que o usuário reveja o último perfil que passou, em caso de descuido; *Hide Ads*, onde as publicidades podem ser desativadas, evitando qualquer desconforto.

O *Tinder* apresenta uma interface limpa, com cores claras e alegre, com predominância do branco, tenta minimizar qualquer dificuldade ao usuário, possibilitando um fácil e dinâmico. Dispõem de um suporte atento aos usuários e disponibiliza notícias de ações abordadas em um *blog*²⁰ no seu site. Ainda conta com uma versão para *desktops*, inovação esta criada no ano de 2017, para facilitar e trazer mais comodidade aos seus usuários que não tem um dispositivo móvel que comporte a tecnologia da aplicação, por não ter um pacote de dados móveis suficiente, por estar no trabalho ou estar em sala de aula, hipóteses estas levantadas pela própria empresa no lançamento deste novo produto, que esta apenas disponível para teste em 8 países, sendo Argentina, Brasil, Colômbia, Indonésia, Itália, México, Filipinas e Suécia, (*Tinder*, online, 2017). Conta com mais de 1.6 bilhões de deslizadas por dia; 26 milhões de Combinações por dia; mais de 20 bilhões de Combinações totais; mais de 190 Países; mais de 1.5 milhões de Encontros na semana (*Tinder*, online, 2017). Números que complementam a relevância da escolha desta aplicação para este estudo, e contudo mostra sua presença muito marcada no cotidiano das pessoas que fazem uso de aplicações de relacionamentos para dispositivos móveis. Seu mais novo produto é o *Tinder Gold*, serviço pago que serve para proporcionar uma experiência mais confortável, ágil e direta.

“Um serviço por assinatura que oferece os nossos recursos mais exclusivos ... bem como o nosso novo recurso *Likes You*, para que possa ver quem curtiu você antes de deslizar. Pense nele como o seu assistente pessoal de deslizadas à direita, disponível 24 horas por dia, trazendo todos os seus matches pendentes até você. Agora você pode sentar, aproveitar uns bons drinques e conferir os perfis à vontade.” (*Tinder*, online, 2017).

Não é uma aplicação criada específica para relacionamentos amorosos ou sexuais, mas este é o uso mais comum que os usuários buscam atualmente na aplicação, como ponto de análise

²⁰ Consultar <http://blog.gotinder.com>

de alguns perfis coletados na aplicação no período de observação e com base nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, o tom de análise é sobre uma ótica das masculinidades plurais em tentar encontrar perfis dentro do Tinder que apresentassem algum contributo. Perfis estes que apresentam um discurso que não seja da heteronormatividade, a tentativa de encontrar uma diversidade dentro desse universo virtual foi o desafio desta análise. Nos seis meses de coleta de dados, foram recolhidos perfis que eram destoantes da normativa, de forma positiva (aceitação), ou de forma negativa (segregadora), que serão apresentados ao decorrer desta produção, com base na metodologia e autores abordados neste estudo.

Capítulo 3

Aproximações com as masculinidades plurais

Com base nas ferramentas metodológicas trazidas, deu-se as análises com o cruzamento das informações levantadas, entre as teorias, os perfis apanhados e as entrevistas feitas, com a intenção de acessar partes da multiplicidade de encontros e desencontros dentro das masculinidades plurais.

O tom comparativo é meramente aproximado para conflitar dados, e buscar diferenças e/ou semelhanças entre o *corpus* de análise. As identidades são analisadas como parte dos processos globalizados da sociedade e do consumo, já as nacionalidades, apesar de consideradas relevantes como diferenças e igualdades no tom dos discursos captados não deram azo a comparação.

A aproximação partiu inicialmente do uso de um perfil no *Grindr* e *Tinder* (os dois na sua versão gratuita), foi criada uma conta no *Grindr*, tendo essa exigência pela aplicação, e com o *Tinder* foi feito compartilhamento com o perfil no *Facebook*, lida como uma facilidade em gerar o perfil de usuário. Neste primeiro momento a iniciativa era apenas de observar os perfis próximos pela geolocalização, e assim coletar as informações que fossem informar os nossos objetivos de pesquisa e as pessoas ali inseridas. Foram coletados um total de 137 perfis, 75 no *Grindr* (figura 06) e 62 no *Tinder* (figura 07), coletados com o finalidade de elucidar os questionamentos conjecturados, sobre a sexualidade, sobre autoafirmação, segregação, entre outros possíveis constrangimentos, com base metodológica na análise do conteúdo.

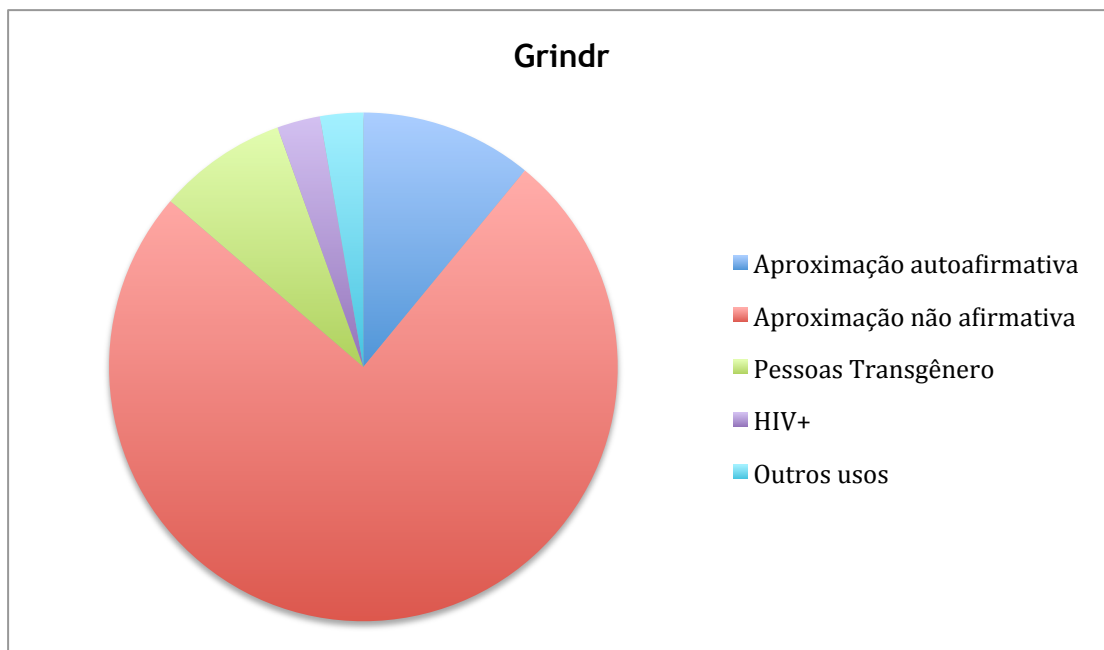


Figura 06, Gráfico com base nos perfis analisados no Grindr.

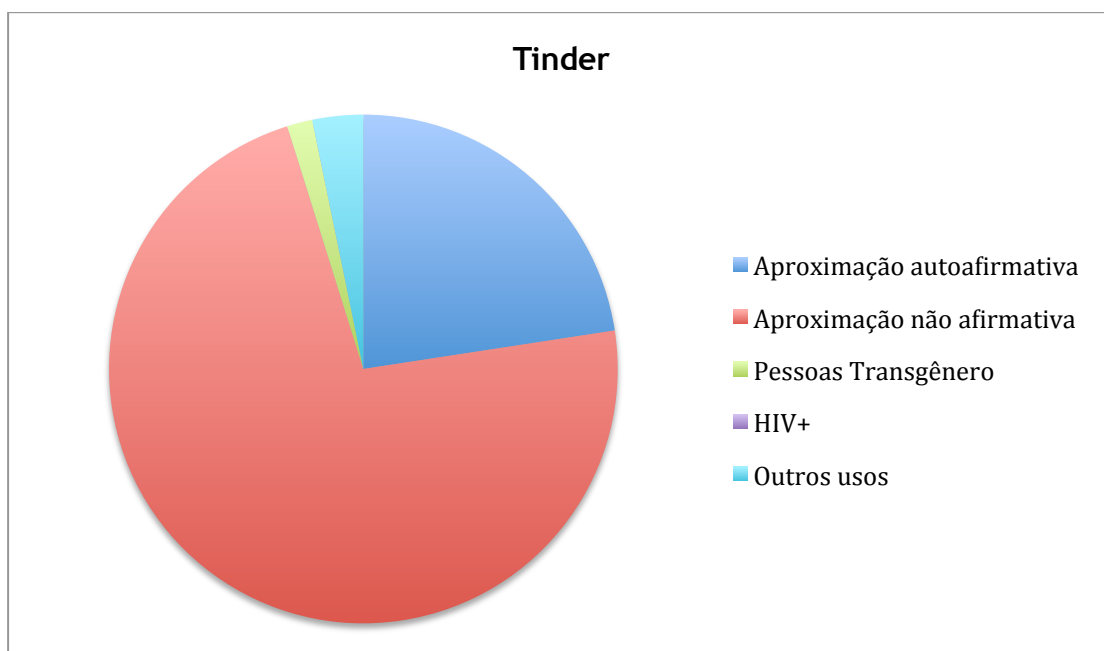


Figura 07, Gráfico com base nos perfis analisados no Tinder.

As aproximações interpretadas por autoafirmação estão relacionadas aos perfis que se demonstraram seguros das suas escolhas e estavam nas aplicações sem esconder sua identidade dissidente, foram onde os usuários se denominavam *queer*, ou feminino, que usavam maquiagem, ou tinham comportamentos interpretados pelo texto e/ou imagem do perfil individual de cada, como poder ser percebido pela figura 08, coletada na aplicação *Grindr*, que demonstra de forma objetiva suas escolhas e preferência por um viés inclusivo presente

no texto escrito. Assim como na figura 09 que elucida uma perspectiva inclusiva para a fissura na normativa, “sim gordos, sim femininos”, é o texto escrito que compõem este perfil, observado pela imagem usada, em que se preserva a identidade do usuário onde é usada uma tarja branca para cobrir seu rosto e a universidade que pertence, assim pela análise da sua fotografia percebe-se que o usuário possui um porte grande, conotando uma busca e/ou preferência por iguais. Nas imagens a seguir estão ilustrados perfis retirados das aplicações, onde clarifica os tons textuais e imagéticos compostos nestes perfis analisados que fazem parte do *corpus* total da pesquisa.

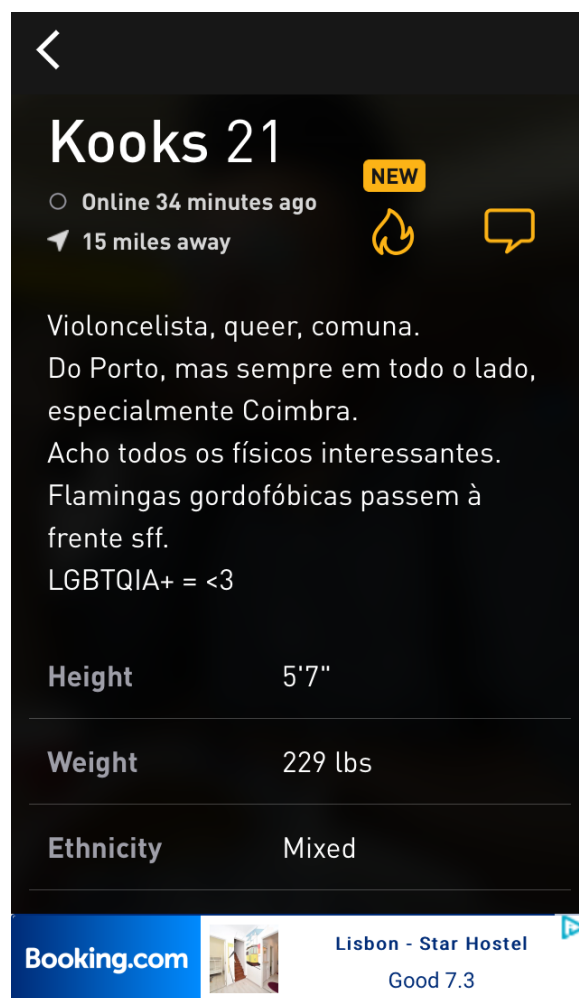


Figura 08, *screenshot* perfil autoafirmativo no *Grindr*.



José, 23



135 kilometers away

yes fats yes fems

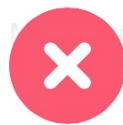


Figura 09, *screenshot* perfil autoafirmativo no *Tinder*.

Já as aproximações não afirmativas, tinham um alto grau de violência na descrição do texto, em específico, em que os usuários punham claramente suas preferências na prática sexual, excluindo propositalmente por completo os “afeminados”, “bichas”, “gordos”, “passivos”, “pessoas com idade superior a 35/45 (em média)”. Com relação a questão etária podemos visualizar a figura 10, onde o usuário de 38 anos se denomina ativo como posição sexual, busca parceiros mais jovens e com “bom corpo”, dando a entender sua procura por um padrão estético normativo. A nudez nesta aproximação foi levada em consideração a foto de perfil escolhida, onde percebeu-se a ausência desta, ou a escolha de uma foto de corpo, indicando uma forte nudez e conotação sexual, entendida com certa rudez comparada aos outros perfis analisados, alimentado estigmas sobre o padrão do “masculino fora do meio gay”. Como pode-se observar na figura 11, com o rosto coberto por uma terna branca a fim de proteger a identidade do usuário, um corpo branco, musculoso, sem pêlos corporais e quase nu, ilustra o perfil no *Tinder*, não sendo uma exclusividade apenas no *Grindr* esse tom de abordagem,

como já foi referido, este parece ser o mais atrativo para a busca de parceiros ou uma autopromoção em que se faz uso de atributos corporais para criar um primeiro interesse, já que no *Tinder*, é preciso fazer um *Match*, para iniciar uma conversa.

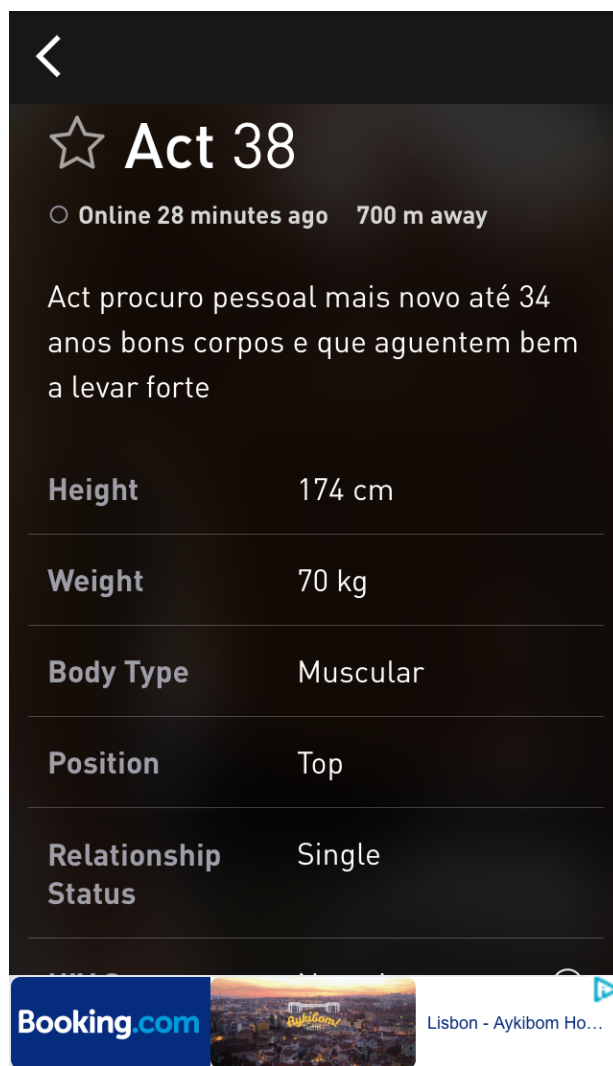


Figura 10, screenshot perfil não afirmativo no *Grindr*.

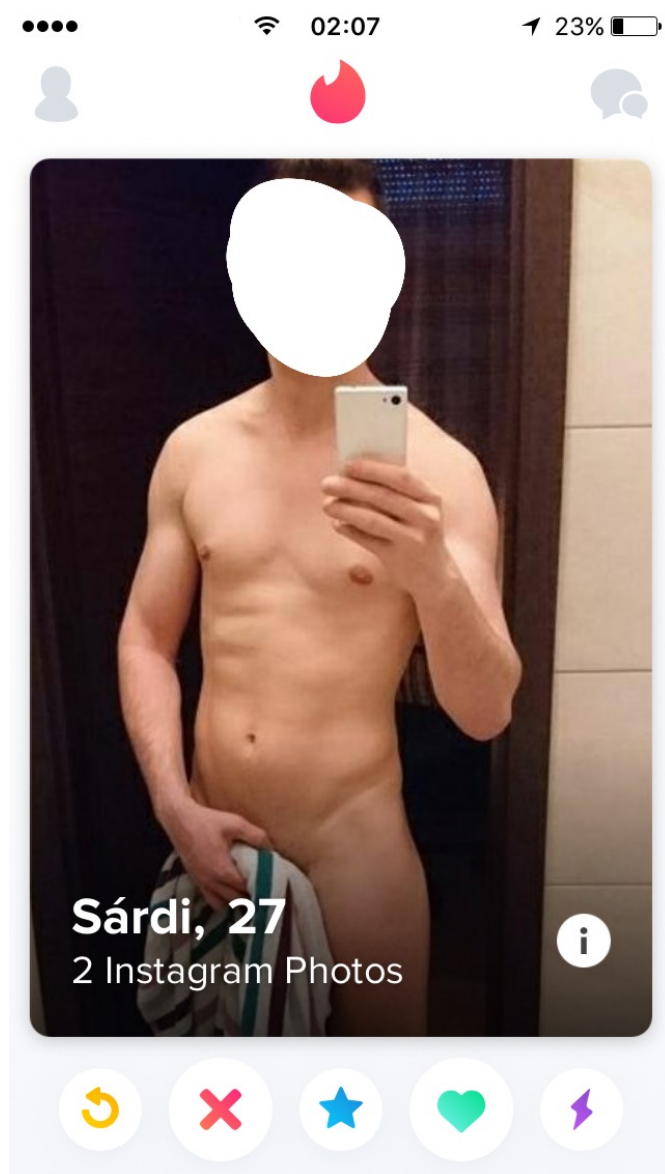


Figura 11, *screenshot* perfil não afirmativo no *Tinder*.

É claro o apelo sexualizado pela maioria dos perfis analisados, tanto no *Grindr* quanto no *Tinder*, e encara-se isso como uma das funcionalidades das aplicações que cumpre um desempenho ofertado, de forma mais clara pelo *Grindr* e de forma menos direta pelo *Tinder*. As práticas sexuais nesta análise não são vistas com maus olhos, são partes da instrumentalidade dos corpos e sujeitos que se veem neste espaço virtual, afastados primeiramente, dos pesos e possíveis constrangimentos que esta aproximação poderia ter no plano real. E pode-se perceber através da figura 12, uma certa confusão instaurada por essas narrativas tão furtivas e velozes que os usuários destas aplicações acabam por pertencer e reproduzir, mesmo que muitas vezes inconscientemente, onde o texto verbal e o texto imagético se contradizem, numa espécie de conflito que pode ser interpretado ora como pessoal, ora como social, já que neste espaço virtual se pode desempenhar diversos papéis. O

texto “quero fora, sem grandes conversas nem laços!!” junto da imagem que compõem o perfil causam grande confusão, ora prático e preocupado intensamente em demonstrar interesse apenas pela prática sexual com algum parceiro, o usuário por outro viés apresenta um textual escrito diferente do texto imagético que aponta uma afetividade e troca de carinhos entre os personagens lidos na figura.



Figura 12, screenshot perfil não afirmativo no Grindr.

As pessoas transgênero, HIV positivo e os outros usos, foram categorias criadas para inserir outros textos que estavam presentes nos perfis analisados, não com intenção de tê-los como abordagens não afirmativas ou afirmativas, mas como pluralidades no texto descrito nos perfis. Textos estes que compõem um cenário mais conflitante que tangem uma maior

diversidade para os usos das aplicações. Em peculiar nos outros textos, foi recorrente a busca por parceiros para acompanhar em atividade física; busca dos usuários para encontrar casa, ou quarto para morar; e dois casos explícitos no texto escrito que buscavam comprar drogas pela aplicação.

Nesta leitura agrupada, os perfis apresentam grande relevância no que cabe ao texto escrito e imagético, onde pode ser percebido discursos que se repetem nas duas aplicações, os usuários acabam por fazerem usos, muitas vezes do *Grindr* e *Tinder* em simultâneo, o que acaba por conferir discursos diferentes de mesmos sujeitos. Há um comportamento diferente em alguns casos e comportamento igual em outros, o que corrobora para uma interpretação onde as aplicações servem apenas de plataforma para os indivíduos ali pertercencerem e concede certa liberdade para que as performances aconteçam de forma fluida.

Mesmo sendo positivas as análises não satisfizeram por completo as indagações anteriores e novas foram surgindo e abraçadas para este estudo, com a necessidade de conversar e saber minimamente a trajetória de alguém usuário destas aplicações optadas. Dentre muitas negativas, por medo, receio, ou indisponibilidade, foi conseguido reunir 11 pessoas onde foram feitas entrevistas com homens cisgêneros, usuários das aplicações Grindr e Tinder e auto entendidos como homossexuais ou queer, que se dispuseram a ceder parte de suas histórias. Aqui são apresentadas as análises cruzadas e comparativas entre o Grindr e Tinder, assim como os recortes das falas das pessoas entrevistadas e dos perfis coletados.

3.1 Xs entrevistadx pelas suas próprias palavras²¹

O texto abaixo trata em parte da história de vida das pessoas entrevistadas, escolheu-se apresentar os perfis e breve percurso no corpo do texto, a fim de dar mais clareza a interpretação das informações cedidas pelxs entrevistadx, valorando seus processos com suas performances de gênero na sociedade em que vivem.

Ariel²²

“Eu tenho 24 anos, eu sou graduada em Jornalismo, Mestrado em Comunicação, e estou fazendo o Doutorado em Comunicação. Eu nasci no interior do Rio Grande do Sul norte do estado, moro na capital do estado, em Porto Alegre, Brasil.”

Alex

²¹ Usa-se desta palavra com a letra X no artigo, e quando necessário, em respeito axs entrevistadx que não se definem na binaridade de gênero.

²² Nomes fictícios que obedecem uma neutralidade de gênero, foram eleitos para preservar a identidade real dxs participantes.

“Eu sou formado em Publicidade e Propaganda, e tenho 25 anos, sou negro. Sou acadêmico em Design de Moda. Sou natural da área metropolitana de Minas Gerais, Brasil, e vivo aqui mesmo.”

Blue

“Eu tenho 34 anos, sou cabelereiro, maquiador e brasileiro. Quase que a minha vontade era de falar cabelereira (risos). Eu nasci em Porto Alegre, e agora vivo no Rio de Janeiro, Brasil.”

Cody

“Eu tenho 27 anos, sou branca e sou Designer de Moda. Nasci no norte de Portugal, agora vivo na cidade do Porto.”

Duda

“Tenho 25 anos, sou branco e Jornalista. Eu nasci no interior do estado do Rio de Janeiro. E atualmente eu moro na região metropolitana da cidade de São Paulo, Brasil.”

Eli

“Tenho 40 anos, sou Branco (risos), estou a fazer doutoramento, tenho Licenciatura em Comunicação, Mestrado em Estudos Culturais, estou a fazer Doutoramento em Artes Cênicas. E trabalho em Teatro. Eu nasci no Distrito de Castelo Branco, Portugal. Vivia em uma pequena aldeia. E vivo atualmente na Beira Interior.”

Florence

“Tenho 21 anos, sou caucasiano, e minha formação acadêmica é licenciatura em Design de Moda. Minha cidade natal pertence ao Distrito de Braga, Portugal. E neste momento eu vivo em Londres.”

Gaia

“A minha idade é 33 anos, caucasiano, e a formação acadêmica Belas Artes - Escultura. E sou designer de acessórios. Nasci na Madeira, e vivo em Lisboa, Portugal.”

Giu

“Tenho 23 anos. eu sou branco, pendendo um pouco pro índio, eu não sei. (risos). Mas sim, sou branco, vá! Estou cursando História da Arte. Nasci e resido em Coimbra, Portugal.”

Jamie

“Eu tenho 28 anos, sou branco e sou formado em Biologia. Eu nasci no interior da Fronteira Oeste no Estado do Rio Grande do Sul, e resido em Porto Alegre, Brasil.”

Juno

“Tenho 24 anos, o que se pode dizer da etnia? Sou caucasiano. Sou licenciado em Arte Edificatórias, são os primeiros anos do curso de Arquitetura, basicamente estou a acabar o Curso de Arquitetura. Nasci e vivo em Coimbra, Portugal. E morei um ano em Lisboa.”

3.1.2 Análise sobre as masculinidades plurais

O que é caro aqui nesta análise não é só saber quem são essas pessoas entrevistadas e sim as histórias vividas e relatadas, compreender as descobertas, abraçar a aceitação, lidar com a violência, o medo e os constrangimentos que foram causados sobre esses indivíduos. Analisando os resultados de acordo com o guião de entrevista nesta argumentação, os primeiros ruídos foram trazidos pela auto definição étnica dos entrevistados: houve em quase maioria uma pausa para se pensar na resposta para esta indagação, uma curiosidade especial pensando-se na questão auto afirmativa, foi percebido um certo constrangimento em se autodenominar branco/caucasiano.

Vivemos em uma matriz binária e heterossexual dificultando processos de identificação divergentes nesta norma, com os entrevistados não foi diferente, todos enfrentaram severos processos de auto aceitação, assumir essa nova percepção do Eu perante família, amigos e sociedade, sendo um caminho moroso em diferentes níveis para cada um deles. Blue, logo clarifica como se percebe e se sente em relação a descoberta da sua sexualidade.

“Foi bem complicado, porque a minha infância eu fui muito repreendido pela minha mãe e pelo meu pai. Sempre assim. E me dei em conta, na casa dos 16 anos ... que aí foi quando eu ... eu sempre falo, eu ergui as mãos para cima e perguntei pra Deus, por que eu? Foi bem artística a minha descoberta (risos).

E na verdade era muito isso, eu tinha muito arrependimento de ter descoberto que eu era gay, e aceitar isso. Mas depois ali na casa entre 19/20 anos, eu toquei pra frente e disse foda-se! Ninguém tem nada a ver com isso, e ninguém paga as minhas contas. E a partir dali eu me tornei uma pessoa muito bem resolvida, graças a Deus.

Na verdade, hoje, eu gostaria de ser mais livre, do que teoricamente eu sou. Eu queria ... essa coisa do rotulo é uma coisa que me incomoda muito ainda.” Blue.

Vemos a complexidade que infere sobre a sexualidade, a epistemologia do armário (Sedgwick, 2007) é algo tão complexo para pessoas LGBTQTIQ+ porque perpassa a individualidade, parte para o coletivo, o familiar e o social, que são muitas vezes, verdadeiras barreiras que forçam essa porta a ficar fechada, prolongando o processo que deve ser natural e fluído. Este relato se repetiu quase em totalidade nas outras entrevistas, todxs passaram, ou passam ainda, por constrangimentos que são impostos externamente, o medo de não ser percebido como gay cisgênero pela família e amigos alimenta ainda uma forte repressão de duas vias acerca da sexualidade e da liberdade. Não podemos negar a trajetória de pequenas conquistas que foram retomadas, mas a sociedade ainda não está preparada para a dissidência de gênero.

“Eu acho que a questão da descoberta, ela não foi, ela está sendo. E muito provavelmente ela continuar sendo até eu morrer, sabe? Não vai chegar o dia que eu descobri.

A aceitação está muito atrelado a esse caminhar assim, da descoberta. Eu acho que conforme eu vá me descobrindo mais, assim, eu vou me aceitando melhor.

Apesar da gente sempre querer botar uma terceira pessoa no meio, mas assim, é muito mais comigo a questão.

Mas acho tá sendo um fluxo bem natural, acho que já teve mais intenso quando eu era mais jovem, mas eu acho que a forma como a gente vai envelhecendo, a gente vai vendo que as coisas caminham no seu tempo.”
(Jamie)

O tempo é sempre algo em parte negado nesse processo de entendimento sobre si, é uma cobrança contínua e vigilância sobre o corpo, gestualidades, comportamentos, o não deixar ser percebido é um conflito que assombra e dá medo. A família por, muitas vezes, ser a primeira instituição que acolhe esses indivíduos, assume um local de proteção e obstrução, uma dualidade comum nos relatos recolhidos, o receio de ser honesto e perder essa proteção familiar, tornando-se uma obstrução que retarda a verdade.

“Foi bem difícil a me aceitar, porque eu pensava muito o que a minha mãe iria achar disso, e iria sofrer com isso. A minha família do lado da minha mãe, as irmãs dela, são evangélicas. E a minha mãe sempre foi espírita, sempre foi a ovelha negra, foi mulher que criou o filho sozinha, sempre permitiu que eu tivesse todos os tipo de amizades. Deixou eu fazer tatuagem. Então ela foi sempre muito liberal, e isso era mal visto pela família. Então a minha preocupação era da minha família achar que pela criação que a minha mãe tinha me deu, eu seria gay por causa disso. ... Não foi uma experiência muito com a minha mãe. Ela não aceitou muito bem. Aquele negocio, né? Aceito todo mundo, mas você é meu filho.

A minha mãe sempre falava pra mim, a maior preocupação dela era o que eu fosse sofrer na sociedade. E o engraçado foi que eu sofri mais com ela do que com a sociedade.” (Duda)

O ensino tem grandes responsabilidades sobre esses processos de descoberta de um sexualidade que vai contra a normalidade entendida, a escola, universidade, acabam por ser

um ensaio de performance das nossas identidades em uma suposta sociedade ali instituída. Regras e normas sobre os corpos, vestimentas, segregação, coisas de meninos e coisas de meninas agem diretamente sobre o psicológico de cada um, e causam diferentes danos em diversos níveis. Ariel, Blue, Jamie e Cody, relataram severos danos e perseguições que sofreram na escola, enquanto crianças e adolescentes, uma brutalidade que sempre veio pelos colegas, de mesma idade e mais velhos, mas nunca da parte institucional da escola, não por professores.

“Ai gurria! Na escola foi um horror! Agora tá voltando muitas coisas. O próximo passo de libertação e aceitação, acho que tem muito a ver com me desvencilhar com coisas que eu vi/vivi na escola.

Criança e cruel, e adolescente também. Eu não tinha essa coragem de me assumir e essas coisas, no colégio, saca? Eu tinha até um super crush no colégio, mas era uma coisa super platônica, assim. Todo mundo né! Mas foi bem difícil ... aí, não sei ... eu acho que por muito tempo eu fugi dessa coisa do colégio, e de sexualidade. Mas eu sinto que tá aí agora, sabe? E tem muito a ver com a minha aceitação.

Foi no colégio que eu tive a minha auto estima destruída, assim, moída e destruída. E agora eu tô me sentindo nessa necessidade de resgatar uma auto estima, um amor próprio, de uma maneira menos millenium, e mais maduro, mais sólida. Agora assim que eu estou sentindo um pouco essa demanda.

Mas vamos lá, vamos encarar. Colégio eu acho que é meio traumatizante pra todo mundo.” Jamie.

Fatos como esses marcam os corpos e o entendimento dos indivíduos. As compulsões causadas tornam-se ora adormecidas, ora ativas, o tempo é traiçoeiro e inflige certa preocupação de como estas pessoas deviam e devem se portar, a normativa ataca o dissidente com afinco, forçando qualquer movimentação que seja indesejada para a sua longevidade sobre o controle. Quando há a quebra desse paradigma da heteronormatividade e os indivíduos que não se sentem confortáveis com essa imposição, acabam por sofrer mais essa pressão externa e interna, um não encontro de si dentro do social que é inserido.

No caso da Ariel, ela aponta parte dos seus processos de aceitação, que são múltiplos, diversos, desde a orientação sexual, sair de um primeiro armário e se posicionar como bicha mostra valentia e sensibilidade, uma total consciência e honestidade com a sua sexualidade e sua identidade de gênero. Processos que maturam dentro de um consciente e externar isso para o social, para o externo, como imposição contra ao silêncio institucionalizado aos divergentes.

A negação acaba sempre por ser o caminho mais confortável, e a ligação direta com a masculinidade normativa acaba sendo um bloco de impedimento difícil de acessar, como relatado, a figura paterna na família. O grande receio de assumir a sexualidade dissidente para o patriarca. Ariel, Giu, Eli e Juno tem essa experiência mais clara em suas vidas, optaram por essa não afirmação a figura masculina da família, o pai de ambos não tem a

clareza da sexualidade performada. Gui argumenta que para sua família e relação de ele se entender como homem cisgênero gay, é totalmente nula, “não existe”. Ariel conta que escolheu não ter essa abordagem com seu pai, a “situação é um pouco mais frágil, mais delicada”. Eli recorre a idade do seu pai, e explica que não o conta, porque o pai já tem uma imagem formada de como ele é, e não se sente confortável em quebrar esse contrato, afirmando que “pode ser uma desculpa, mas eu não conto porque ele tem 80 anos e não vai mudar nada na vida dele, ele viverá mais 10 anos no máximo, se calhar. Tanto, não vai mudar nada na vida dele”. Juno parte do contraponto se não há pergunta, não há resposta, “com a família foi isso, não tenho necessidade, não vou falar”.

A um temor sobre a aceitação do outro sobre a sexualidade, ainda mais se o outro for a família. Gaia e Florence enfrentaram momentos de dissabor quando resolveram clarificar sua orientação sexual para a família. Gaia passou por um período complexo, “a mãe aceitou, o pai, expulsou-me de casa. Não aceitava! Minha irmã também não aceitou! Foi complicado. Mas superou-se, dois anos depois, já falamos todos sobre o assunto”, por mais minimamente digerido que esteja, o acanhamento ainda há. Florence fala do seu background familiar, vou viverem em uma aldeia muito pequena no norte de Portugal, acabou por condicionar uma resposta conservadora dos pais, “eu contei-lhes e no dia a seguir ... dois dias a seguir, estava a entrar num psicólogo, com eles. Para supostamente o psicólogo me tornar heterossexual”. Situações como estas não são exceções, são regularmente vividas e assumidas no cotidiano de quem se inconforma com a opressão e decide por reivindicar o seu(s) verdadeiro(s) self(s).

3.1.3 Os usos das aplicações

Chegando aos usos das tecnologias e ao alcance das aplicações, as leituras tendem a serem múltiplas, as experiências relatadas e vistas nas aplicações contribuem para esta efervescência de aceitações, negações, segregação, homofobia, racismo, entre tantas outras experiências trazidas para debate. O Grindr e o Tinder são as aplicações de relacionamentos mais populares, mesmo sendo diferentes em certos momentos, acabam por se aproximar e quase se fundem pois no recorte sobre homens cisgênero gays, as buscas por ora, acabam por se aproximar na procura por iguais e diferentes. Foi com essa intenção que ambos os aplicativos foram escolhidos, pelo grande número de usuários e por trazerem, no âmbito comparativo, diferentes experiências para um mesmo público.

O *Grindr* por ser o primeiro aplicativo criado especificamente para usuários homens cisgênero gays, bissexuais, curiosos, e pessoas transexuais, traz um percurso maior, pois já teve inúmeras atualizações o que aperfeiçoou o serviço no viés técnico, servindo de matriz para outros tantos que surgiram depois. Como referido anteriormente a aplicação tem um posicionamento muito ativo e preocupado com seus usuários, que buscam majoritariamente

sexo casual, em uma tentativa de reeducação sexual a partir das leituras feitas nos perfis da aplicação. A grande maioria dos perfis capturados apresenta uma forte aproximação sexual, deixando bem clara a procura por sexo casual, imediato. Muitos perfis sem foto, ou fotos de abdômen ou de roupa íntima, foto nítida de rosto são poucos que usam. A maioria dos perfis que foram selecionados para a análise de conteúdo são onde reforçam a normatividade, que vão contra a multiplicidade das masculinidades, alargando a perpetuação do “macho discreto” penalizando os dissidentes.

O discurso de ódio contra gordos, afeminados e não-discretos, é algo muito forte e enraizado, assim como a invisibilidade de pessoas transexuais, uma soma que busca um “macho igual” para ter uma relação sexual imediata. A proximidade facilita e confere rapidez à prática, tornando tudo acelerado e simplificado, grande queixa dxs entrevistadxs. Essa normatividade dos corpos, a branquitude, o corpo atlético, jovem e sem pêlos corporais, é a grande construção do ideal que se busca principalmente dentro do *Grindr*.

Todxs xs entrevistadxs relatam um desconforto em usar o *Grindr*, como se lá o espaço de negação seja alimentado pelo segredo, pelo sexo apressado e sem sentimentos afetivos, características essas que fazem da aplicação um grande espaço de trocas reduzido as práticas sexuais. Todxs confessam que o impulso primeiro é sempre atravessado pelo sexo, pelo desejo, e o que se espera depois é uma troca, uma conversa mais informal e até uma amizade ou algo mais. Cody fala que “os aplicativos vieram reforçar esse medo de não sair na rua, de não se mostrar”, o conforto mascarado no temor de publicizar um comportamento desviante.

“E as tecnologias só trouxeram a discriminação lá de baixo. Porque é muito mais fácil agredir por trás de um computador, não é? E as tecnologias vieram trazer isso cá pra cima. É indiscutível, tem o lado bom e tem o lado mal. Eu acho que acaba, tudo, meio a meio. E as vezes se calhar, até mais mal do que bom.” Florence

Há um contraponto bem dividido entre xs entrevistadxs em relação ao ato positivo ou negativo do uso das aplicações para relacionamentos, trazendo destoantes percepções, como aponta Cody “pra mim isso foi muito mal, pra pessoas como eu, que querem tá bem e estar abertas, e não ter o que esconder, foi muito mal! Agora pra quem quer esconder, e viver no armário, foi ótimo”, ela traz esse ponto do anonimato que o *Grindr* contribui para manter uma certa higienização no espaço público, onde o sexo entre pessoas não normativas incomoda, constrange, é vergonhoso. Tudo fica ainda na esfera do privado, entre quatro paredes, ninguém precisa ou quer saber.

Já Eli traz outro ponto de vista para as aplicações, “temos aplicações para tudo, para nos facilitar a vida, também a aplicações heterossexuais e lésbicas, de tudo e mais alguma coisa,” já que estamos inseridos nesse momento de tecnologias e das aplicações, qual é o motivo para não participar? Ainda refere, “há aplicações para saber rotas, para promoções de museus

e restaurantes, por que não ter essas aplicações de relacionamentos?”. Em contraponto Juno aponta preferir encontro casuais fora da aplicação.

“Eu prezo muito mais o conhecer pessoas espontaneamente, na vida real. Num contato, numa saída a noite com amigos. Prezo isso 3 mil vezes mais do que andar numa aplicação. É a premissa máxima que eu tenho para mim. De conhecer mais na realidade do que nas aplicações.” Juno

Alex fala que “o virtual ele é mais seguro, você não corre o risco de levar um soco na cara, por chegar em um homem na balada, em principio. Então ele é mais salvo. Você pode abordar sabendo o que a pessoa é”, um segurança virtual assegurada pelos usuários, onde se pré supõem que todos estão alí em busca de iguais e diferentes. Para o bem e pra o mal os usos no Grindr acabam por facilitar um possível encontro casual, porém acabam por reforçar tantos estigmas sobre a comunidade dos usuários, causando sérias sujeições que limitam espaços de encontro e pluralidades. Duda recorre ao formato e fala deste hábito apenas ser apropriado para as aplicações, sendo o medo e o anonimato algo que existia anteriormente ao aplicativo “eu acho que isso começou muito antes, lá nas salas online de bate papo, né? Antes do aplicativo. Aquela coisa do “entra na sala”, onde tudo era anônimo, não tinha imagem, não tinha vídeo”.

Para Gaia os usos das aplicações para si são muito claras, “busco prazer inicialmente, e depois se não houver química, não houver nada, vejo o que a pessoa tem pra contar, mas inicialmente, eu não vou ser hipócrita. Eu estou a procura de sexo!”. Aqui podemos perceber parte de um processo, o impulso sexual é quase inevitável partindo deste contexto entre Grindr e Tinder, os desejos partem para ação alimentados por esse espaço virtual e possível, poder segmentar os gostos e escolhas, assim como bloquear, ignorar ou iniciar um conversa são práticas da vida social que muitas vezes acabam por ser reproduzidas no espaço virtual.

“E por outros lados talvez, tenha aí uma coisa que não deixa de ser um pouco clandestina, também, né? Por que eu acho que ... as vezes eu tenho a impressão que muitos homens gays eles reproduzem nos aplicativos a mesma postura que em ambientes físicos, então o cara discreto que vai lá fazer banheirão, ou então, o cara que só transa dentro do apartamento, não é assumido para a família ... então eu acho que essas coisas que a gente já sabe, que é muito comum de discrição, de fora do meio, de masculinidade, elas são reproduzidas nos aplicativos. Porque eu acho que não tá fragmentada essa realidade social dessas relações em aplicativos sociais, é mais um extensão. A gente reproduz as nossas práticas, os nossos discursos, as nossas ideias, os nosso comportamentos de modo geral. Então eu acho que é muito complexo.” Ariel

Aponta para uma lógica onde os conflitos não estão nas aplicações e sim nos usos que são feitos, e comportamentos dos seus usuários, o que torna o Grindr um espaço conflituoso entre identidades e sexualidades, dando uma margem para o Tinder ser apreciado pelos entrevistados pela sua “linguagem” ser mais amigável e social. Como foi percebido o que

torna o Tinder um canal mais social e menos sexual, pode ser que a aplicação não é restrita para pessoas gays, lésbicas, bissexuais e pessoas transgênero, ela é uma aplicação plural que tenta englobar todos os segmentos de possíveis usuários.

Quando questionadxs especificamente sobre o *Tinder*, xs entrevistadxs apontam uma larga diferença nos usos entre ele e o *Grindr*, a exceção de Eli que aponta uma neutralidade entre ambos. Dando a entender que não há diferença entre as duas aplicações.

“Eu não vejo diferença nenhuma. Mas também em conversas com outras pessoas que usam a quem tenha essa opinião, não sei porque. De que o *Grindr* é mais para sexo esporádico e que o *Tinder*, não. Já pra quem quer um relacionamento. Eu não consigo perceber como as pessoas veem essa distinção ou como fazem. Nunca li isso em lado nenhum. Porque muitas pessoas estão nos dois aplicativos, portanto não vejo porque há quem diga isso.” Eli

O tom trazido por Eli, foi observado também nas análises dos perfis, onde era possível identificar mesmo usuários nas duas aplicações, porém com comportamentos distintos na sua abordagem e descrição. O que aponta para uma peculiaridade instaurada entre o *Tinder* e o *Grindr*, os diferentes usos para os mesmos fins, é instaurado pelxs outrxs entrevistadxs essa diferença, demarcada pela forte conotação sexual no *Grindr* e pela certa assepsia do *Tinder*.

“Eu sempre falo, os aplicativos são meio que um açougue, é um açougue! Com exceção do *Tinder*, que ele tenta essa coisa mais romântica, de vamos marcar um encontro. Porque você loga a conta com o seu Facebook. Então pelo Facebook ele é mais polido, você se mostra de um jeito diferente no Facebook. Então o *Tinder* tem esse perfil mais família, né? Agora *Grindr*, é muito mais sexo! Vamos fazer sexo agora, mostra o pau! E é um pedaço de carne. É engraçado que eu conversava com meus amigos héteros de como eles tem uma experiência diferente no *Tinder*. Tem aquela coisa da conquista da mulher, de ficar provocando. E pra gay é muito mais fácil. O que você curte? Ativo ou versátil? Quantos centímetros? Vamos? Vamos!” Duda

A facilidade com que a prática sexual é posta para a comunidade gay é claramente exposta, é uma afirmativa, mas apenas para aquelxs que se deixam levar, e que tenham “sucesso” de encontrar outro que acolha suas expectativas. Saber lidar com uma possível rejeição é um pré-requisito no cotidiano dxs usuárixs destas aplicações, as ofertas e demandas são numerosas e acabam por atropelar, via de regra, os sentimentos dxs individúx. Nestas aplicações quando o encontro cara a cara acontece os envolvidos minimamente sabem o que buscam e sabem o que irão encontrar, esta segurança já referida, é muitas vezes encarada como aventura, pois somente no plano real é que se vai ver o que realmente irá acontecer. Pelo *Grindr* não precisar de um *match* para iniciar uma conversa, a facilidade de acessar o outro, talvez venha por aí esse fluxo maior de possibilidades, porém o *Tinder* oferta uma abrangência territorial ainda maior, caso você esteja em uma região mais distante de grandes

idades dando margem para mais *Matches*. Acredita-se que é muito mais o modo dos usos pelos indivíduos que influência das aplicações diretamente.

“O *Tinder* ele me parece mais democrático, aparecem mais pessoas com perfis diferentes, e além disso, ele se dirige a ti na linguagem própria da plataforma, como um meio quase neutro, assim ... O *Tinder* é a melhor opção para mim, no sentido de que eu não me sinto uma estranha no ninho, ali. Porque eu acho que tem muitas pessoas diferentes ali, diversas. As coisas elas não são tão diretas do ponto sexo/sexo, fuder, rolou e vai embora. ... como é linkado ao próprio perfil do Facebook, as pessoas tendem a fazer um repertório mais de conhecimento, mais de conversar, de conhecer primeiro antes de partir para alguma coisa.” Ariel

Esse conforto posto por Ariel, é algo trazido nas outras entrevistas como algo positivo que o *Tinder* oferta, seria como um resgate ao romantismo, onde não há a troca de fotos, a conversa só acontece quando ambos se interessam e aí então podem aprofundar esse encontro virtual para um encontro real, uma mediação sobre os sujeitos. Algo curioso visto nas análises dos perfis no *Tinder* que tinham uma abordagem não afirmativa, vinha do texto e imagem denotarem o único interesse pela prática sexual, informando preferências sexuais, altura e peso, dados estes que ao *Tinder* não comporta. Estaria aí uma possível simbiose referida sobre ambas as aplicações.

3.2 As representatividades dissidentes

As masculinidades plurais existem e versam sobre diferentes óticas e posicionamentos em relação às suas performances de gênero na sociedade e nas práticas sexuais que ora são inquiridas e dadas pelas aplicações. Os entrevistados apontam entendimentos que não seriam pautados apenas pela análise dos perfis recolhidos em primeira instância, a história de vida permitiu aprofundar os dados obtidos pela análise de conteúdo.

As entrevistas foram todas feitas por vídeo chamada, mas sem o uso da imagem, apenas com a captação da voz como elemento, para não haver possíveis constrangimentos que um olhar no olho pudesse limitar de certa forma a abertura para contar suas intimidades, uma escolha feita e que minimamente pôde ser comprovada pela fresta entre estranhos, o entrevistador e os entrevistados. Com um guião de questionamentos preestabelecido, as conversas puderam ser norteadas, porém, sem limitar outras falas que as perguntas pudessem não tocar. Em especial faz-se o recorte sobre três das falas recolhidas. Ariel, Blue e Cody têm o perfil interessante para esta abordagem, sobre as representatividades dissidentes que têm em comum, a quebra da normatização imposta.

Ariel por seu não entendimento como pessoa gay, nem homem, nem mulher, e sim bicha. Soma para os entendimentos acerca das performativas sobre o corpo, ela aponta o tempo que levou e leva para se entender e busca um espaço de identificação que muitas vezes é processo. Essa cobrança interna e externa de saber quem sou e quem é, confronta a naturalidade que deveria ser a descoberta da sexualidade, do encontro com a orientação sexual, e logo as práticas sexuais e/ou sentimentais amorosas.

“Bom... inicialmente eu sempre fui apontada como bicha, né? Desde criança, na escola, nas brincadeiras, dentro da família, entre os amigos, ou nem tão amigos assim, mas enfim ... Mas aí me assumi mesmo como bicha, foi aos 17, quando eu entrei na graduação. Naquela época o meu drama era sair do armário hétero, sair do armário e me assumir como gay, ou seja, assumir a minha orientação sexual. Do final da faculdade, entre o mestrado, eu já estava mais velha, com 22 ... é 21/22 anos ... o problema foi mais com a minha identidade de gênero mesmo, partir daquele momento, uma disforia de gênero fico mais intensa, assim, comecei a me questionar mesmo se eu era ... talvez, que eu não fosse gay, mas sim um tipo de pessoa transexual inclusive.

Então eu não costumo dizer que eu sou gay, ou que eu sou um homem gay, eu sou uma bicha, eu sou bichona, é isso que eu sou, não um homossexual, sabe? Eu acho que eu não consigo me entender como um tipo de masculinidade hegemônica, e nem como um tipo de masculinidade gay, nem como um homem gay, ou como uma mulher. Nada disso sabe? Eu sou bicha mesmo!

É esse o movimento que eu tô fazendo agora, eu não me assumi mais. A primeira saída do armário foi me assumir como gay, a segunda saída do armário acho que foi me assumir nem como homem, nem como mulher, e aí essa própria identidade de gay, acho que ela fica balanceada nisso.” Ariel.

Essa disforia trazida pela Ariel é vivida também por Blue e Cody, mas por outra performance, o uso de uma teatralidade para expressar um condição de militância por direitos coletivos e individuais, a tentativa de se sentir confortável no estágio que se está, onde é. Blue e Cody apontam que cada uma tem uma persona *Drag Queen* que serve de autoconhecimento acerca do sua orientação sexual, do seu corpo no espaço social e de uma certa militância pelos direitos LGBTTIQ+. Blue trabalha em salões de beleza e atualmente vive no Rio de Janeiro, Brasil, e relata em tom de surpresa o recente constrangimento sofrido no ambiente de trabalho, ela conta que por trabalhar em salão pré supunha que o ambiente de trabalho fosse mais inclusivo.

“Aqui no Rio, eu sinto um pouco de resistência ainda, ... é OK tu ser gay, mas tu não pode ser bicha! É uma coisa assim, sabe? Eu me maquie para ir trabalhar, nos dois salões que eu trabalho, aqui o povo ficava abismado comigo me maquiando. E era maquiagem casual, tipo, pele, só pra tirar a cara de zumbi. Era mais vindo dos colegas de trabalho, os clientes não davam bola.” Blue

Essa coação sofrida aponta para uma falta de segurança em poder expressar a sua performática de forma liberta, sem se preocupar com o outro, dificulta uma demarcação. E uma certa liberdade veio através da *Drag*, que começou por diversão após começar a assistir um reality show de *drags*, *RuPaul Drag Race*²³, sendo convidada para performar em festas e bares, mas hoje Blue afirma ter deixado as festas de lado e se “monta” para seu bem estar.

“Eu iniciei o *Drag* como padrão de *Drag*, garota bonita. E depois eu fui me descobrindo dentro, e tipo, eu não uso enchimento para modelar o corpo, eu não gosto de ter seios. A minha *Drag* dificilmente vai usar seios. E eu estou sempre com a parte de cima feminina e a de baixo meio masculinizada, porque tu tem umas vestimentas que pendem pro feminino, mas ao mesmo tempo tu tem o peito aberto sem o seio, com os pêlos, com os mamilos de fora, com a axila cabeluda. E eu acho que isso faz com que eu me aceite melhor assim.” Blue

A relação é bem próxima com o perfil de Cody, que também diz ter encontrado muita autonomia no universo *Drag*, tanto para performar e usar o espaço adquirido para fazer política aos direitos LBGTTIQ+, como para se autodescobrir e experimentar possibilidades sobre a sua sexualidade e identidade de gênero.

“Quando eu vim pro Porto em 2014, que eu comecei a entrar mais no mundo *Drag*, e a perceber mais o que era a construção de gênero na sociedade, e afinal ... eu não me sinto bem propriamente sendo *gay*. *Gay* é a minha orientação sexual, para já. Agora há 3 anos pra cá, eu tenho uma construção de gênero, e aí sinto-me no armário. Como *gay*, nunca tive dúvidas sobre a minha experiência sendo *gay*, sempre soube que me sentia atraído por homens. Agora a minha questão de gênero, de saber onde eu me encaixo, porque eu sou um homem de 1,90m, com um ar super masculino, gosto de coisas que na sociedade diz ser super masculinas, e eu gosto. Mas também gosto de ter maneiras femininas, e de me comunicar com o mundo feminino. Eu seja, eu agora nesse momento, tô um bocado no armário, não no sentido de esconder, mas no sentido de explorar o que é o meu gênero. Isso está sendo um trabalho.” Cody

Voltando para a epistemologia do armário (Sedgwick, 2007), assinala a dificuldade das descobertas sobre o corpo masculino na intenção da feminilidade, onde o ser feminino incomoda e causa uma ojeriza na normatividade que repele estas manifestação provocando um afastamento. É possível perceber que mesmo no Brasil e em Portugal, sem tom comparativo, pois esta nunca foi a intenção, podemos perceber a cena de performances do corpo sobre o viés dos artifícios *Drag Queen*, impulsionada fortemente pela tendência atual de consumir esse universo, através dos reality show *RuPaul Drag Race*, um produto midiático que comunica com um público fiel e apresenta em cada edição inúmeras possibilidades de trabalhar a teatralidade em conjunto com os estilos de vida que cada possa vir a escolher dentro do universo LBGTTIQ+, ou até mesmo heterossexual, já que fazer *Drag* não é uma

²³ Reality show estadunidense teve início no ano de 2009, é apresentado por RuPaul Andre Charles, sua *Drag RuPaul* conhecida desde os 90 por participar de programas televisivos, filmes e musicais. O programa já conta com 10 temporadas, até o ano atual, 2017.

exclusividade da comunidade. Cody confessa sua frustração com a normativa social que impele sobre a comunidade, “porque eu quando comecei a fazer *Drag*, foi como uma forma de combater uma violência que eu sofria, uma violência gratuita” conta que quando saía com amigos eram agredidos verbalmente por homens heterossexuais, de forma a contranger publicamente ela e seus amigos, “eles acham que podem, que viado pra brincar, não é pessoa, é brinquedinho de hétero”. Critica o estado em Portugal, na forma de que “meu imposto é igual, então meu espaço é igual”, e fala que a comunidade LGBTTIQ+ no país se acomoda ou tem medo de sair a rua e assumir sua posição, “são poucas pessoas que o fazem”, ilustrada por (Colling, 2015), Portugal tem uma militância de grupos bem estruturada, porém ocupam apenas a capital Lisboa e alguns grupos na cidade do Porto. O que não limita as ações já que Portugal tem legislação contra discriminação de gênero, orientação sexual, e identidade de gênero, Cody afirma, “os direitos LGBTTIQ+ em Portugal estão garantidos, não precisa sair a rua para protestar, ir para a pride, é muito mais ficar em casa nas aplicações”, com tom sarcástico critica a comunidade que se sente protegida e mesmo assim não tem ação, não fazem usos muitas vezes dos direitos adquiridos, porque preferem não ser vistos como tais.

Cody traz o contra ponto sobre o Brasil, onde as leis são cada vez mais contra qualquer tipo de discurso libertário, de direitos LGBTTIQ+, o que não impede das pessoas irem as ruas e lutarem, realmente, por direitos que deveriam ser instituídos, assim como em Portugal, “plha o Brasil, é o país que mais mata Trans todos os anos, as pessoas são mortas na rua por serem viados, e as bichas não calam a boca! Sai na rua!”.

Voltando a um problema mais pessoalizado, a questão da identidade e da sexualidade presente nos discursos nas aplicações, influem diretamente sobre o feminino, Ariel alega essa percepção muito claro para ela, enquanto usuária.

“Mas qual o problema com esses homens *gays*? essas bichas que se aproximam o máximo de um tipo de feminilidade, sabe? E como esse discurso de ojeriza à feminilidade, eles estão muito presentes em todos esses aplicativos que são só uma extensão da nossa vida social, sabe? E isso me incomoda muito, e eu acho que é uma resposta sim, que muitas bichas afeminadas não estejam lá, ou pelo menos não estejam tendo esse sucesso que outras pessoas tem nesses aplicativos. Se há que exista algum sucesso no final das contas.” Ariel

Esse desabafo e crítica, Ariel marca um ponto do preconceito contra “bichas femininas” é um reflexo do social dentro das aplicações, Ariel reitera que mesmo não se vendo como homem, e nem como mulher, quando a sua imagem é transformada no espaço social, nas redes sociais e nos aplicativos “é uma imagem que provoca uma disruptura, e um certo incomodo nas pessoas, pra chegar ao ponto de que isso atrapalha o próprio sucesso em aplicativos de sexo, afeto e pegação”. O que preocupa e é visível tanto nas entrevistas quanto nas análises dos perfis coletados, a participação negativa é muito maior, e em grande escala, nas duas

aplicações, não fazendo distinção ao Grindr e ao Tinder, no final ambas acabam por reproduzir um discurso que não é delas, e sim um reflexo do social que ocupa essas plataformas e alí reporta comportamentos e falas preconceituosas.

3.3 Dominante, residual e emergente

Partindo das informações trazidas para esta discussão cabe aqui identificar os níveis dos textos analisados, é claramente presente a dominação da normatividade sobre os indivíduos analisados, uma forte estrutura estruturante (Bourdieu, 2013) tanto nos perfis coletados quando nas entrevistas realizadas. Há sempre uma heteronormatividade latente que abrange e toca a todos de uma maneira nada gentil, grande parte dos indivíduos principalmente nos perfis das aplicações apresentam uma massiva aproximação negativa, fato esse que preocupa, pois se pensava encontrar um ambiente mais inclusivo e protetor e não a violência verbal e psicológica inferida sobre os usuáries que não se veem representados na performance hegemônica. Uma socialização (Giddens, 2001) que aponta um paradoxo que aponta uma comunidade tida a margem da norma, que internamente espelha o discurso externo entre os iguais, em que homens cisgênero gays buscam a discriminação, um “macho”, figuras que remetem diretamente a heteronormatividade vigente, uma tentativa de aceitação pela norma que reforça abusos sobre os que não estão enquadrados e escolhem outras representações para se comportar (Miskolci, 2015), indicação para futuras reflexões sobre esta temática como dá-se esses acordos quando instituídos dentro de uma relação efetiva e afetiva entre indivíduos que alimentam esta normatividade.

Residualmente essas violências são reproduzidas por indivíduos que estão fora desse padrão normativo, eles se reconhecem e negam os iguais, usando de um texto bruto na tentativa de afastar uma aproximação direta. Busca-se a fuga da realidade, do entendimento sobre seus corpos e performance na ilusória manifestação dentro das aplicações, e como já aqui foi referido, não há um desligamento do plano social, onde muitos preconceitos são reproduzidos dentro e fora das aplicações, o uso da comunidade de ter acesso a outras pessoas pela aplicação acaba também, para o bem e para o mal, em manifestar discursos de ódio sobre a comunidade, dentro de uma zona que se imaginava ser protetora.

Mesmo com as políticas de privacidade cedidas pelas aplicações como forma de proteger contra violências sofridas, podendo denunciar perfis, bloquear, desfazer o *match*, ferramentas que auxiliam em uma defesa mínima, aqui pontuada pelos usuáries, as aplicações de forma alguma reproduzem esses textos, elas apenas servem de plataforma para essas movimentações. Uma maioria retida pela normatividade com forte dificuldade em sustentar uma autoafirmação identitária dentro de um grupo socialmente discriminado tendo forte pressão social para a continuidade deste *habitus* (Bourdieu, 2013) hegemônico de

masculinidade padrão (Connell, 2002), que promove uma leitura de rejeição das bichas, o desprezo a aproximação com a feminilidade.

O que emerge é um desconforto e uma pauta que tenta relutar esses ataques, as identidades *queer* (Colling, 2015; Miskolci, 2016) ressurgem como moderação da ação de uma militância pela inserção e não segregação, o *queer* busca um processo diferente na normativa, não quer ser categorizado e sim entendido como diverso. Por curiosidade, todxs xs entrevistadxs emergiram com mais força sobre a sua sexualidade e sua orientação sexual, quando ingressaram na universidade, talvez por uma segurança maior em si, um tempo maior de reflexões até o momento de inserção, ou por uma troca de localidade ou um afastamento do ambiente familiar. O desconhecido parece aqui ser positivo e dá espaço para um enfrentamento maior no processo de descobertas.

As identidades dissidentes da normativa buscam dentro desse espaço virtual e fora dele encontrar uma representatividade, uma identificação com as aplicações e xs usuárixs ali inseridos, onde cada indivíduo busca o que mais o atrai, e essa atração é majoritária com o corpo padrão e a norma, o que fortalece de certa forma as emergências de descontentamentos e de novas realocações e discursos mais plurais, na tentativa de trazer a tona mais diversidade e aceitação pela diferença, sendo um longo caminho percorrido que ainda busca um local de pertença.

Considerações Finais

O panorama da contemporaneidade envolve uma assimilação viva sobre as tecnologias direcionadas as aplicações para dispositivos móveis e de seus usuárixs, nos modos que eles próprios fazem destes instrumentos (Santaella, 2003); (Jenkins, 2009). Esta pesquisa deu-se a partir de alguns questionamentos levantados sobre as aplicações *Grindr* e *Tinder*, com a intenção de analisar os seus usos, e os perfis dxs usuárixs que alí estão performando.

O *Grindr* por ser o primeiro aplicativo criado especificamente para o uso de homens cisgênero gays, bissexuais, pessoas transexuais, apresenta-se como uma plataforma que é estigmatizada pelas práticas sexuais furtivas que, com base nos 137 perfis coletados para análise e nas 11 entrevistas realizadas, verificamos que se condiciona para um comportamento eficaz relacionado às práticas sexuais, porém sustenta uma forte tendência normativa sobre os corpos dxs usuárixs alí inseridos, o que constrange aqueles que propusemos como xs dissidentes em estarem expostos a esses tipos de violências simbólicas. O que reflete em parte sobre o *Tinder*, que por vezes acaba também por absorver esses posicionamentos e linguagens mais abusivas, porém que são mais fáceis de contornar pela lógica da aplicação só há efetivas trocas quando ambos os perfis dão *like* um ao outro - o que pode conferir esta certa preferencia sobre a aplicação quando comparada ao *Grindr* para ter uma relação interpessoal mais social, menos sexual.

Por ser uma pesquisa qualitativa balizada pela Teoria *Queer* (Gil, 2002); (Bardin 2011); (Makoni e Lakatos, 2003); (Du Gay: 1997); (Butler, 1990; 2000); e pelas problemáticas da Identidade (Castells, 2003, 2008a, 2008b); (Hall, 2006); (Miskolci, 2012, 2015, 2016), Estudos Culturais (Williams, 1979); (Cevasco, 2001); (Bourdieu, 1980, 2013); (Foucault, 1988, 2003); (Jacks, 1999); (Johnson, 2010);, Consumo (Rocha, 2006); (Bauman, 2001, 2014); (Canclini, 1995); (Freitas, 2005); (Silverstone, 1999); e Tecnologias Lévy, 1993); (Fidalgo, et al, 2017), não se esteve preocupado sobre respostas a serem replicadas e sim sobre a movimentação reflexiva e teórica sobre as prática dos indivíduos que compõem esta dimensão analítica. Detectou-se uma certa moralidade, uma censura que implica tanto no plano virtual, quando social, provocando e direcionando xs sujeitxs a um comportamento normativo hegemônico, que limita e oprime as performances dissidentes que estão aplicadas a estas ações nos planos virtuais e sociais.

A perspectiva dominante é fortemente opressora e condiciona comportamentos que são reproduzidos dentro no ambiente virtual, como reflexo do social, onde homens cisgênero *gays* cultuam uma *hexis* do corpo masculino padrão nutrindo o *habitus* da heteronormatividade e os padrões de belezas que são assegurados pelo consumo, moda e as tecnologias. A criação de tendências comportamentais acaba na tentativa de abafar as vozes dissidentes que não se

sentem confortáveis em estar inseridas nessa lógica e acabam por não encontrar um lugar social, nem virtual para expressar as suas performativas. Quando externam sua emergente performativa são atacadas e segregadas por não pertencerem ao perfil dominante, um claro jogo de poder onde as estruturas e instituições são omissas e legitimam a perpetuação dessa lógica cíclica e pobre.

As relações efetivas e afetivas acabam por demonstrar uma situação de crise de autoidentificação calcadas pelas aplicações *Grindr* e *Tinder*, onde os homens cisgêneros *gays* veem um conforto em manter essa distinção e permanecer a norma em uma tentativa de obter mais “sucesso” em uma possível relação interpessoal. O que acaba por preocupar e denotar certo desassossego pelos usuários na tentativa de encontrar meios que consistem sobre as escolhas assertivas a serem tomadas quando a intenção é a procura por iguais e diferentes dentro das aplicações.

As identidades emergentes que foram analisadas aqui neste estudo apontam uma nova organização sobre a reflexão sobre gêneros e sexualidades que merece ser desenvolvida com mais afinco em futuros percursos na pesquisa sobre esta temática. O não entendimento de si e sobre o social, a violência velada dita por Cody e Florence, onde para suas percepções, as aplicações vieram para manter certa invisibilidade da comunidade LGBTTIQ+, como se mantivessem estas identidades suspensas no plano virtual, é uma ótica que deve ser valorada, pois tem importante fundamentação, onde também se torna fácil a agressão por de trás de um *smartphone*.

A consciência sobre os corpos é algo muito preocupante em uma comunidade de opressão, que tenta a formatação forçada sobre os que não buscam estes ajustes, e acabam por performar com mais liberdade dentro de um espaço virtual, e/ou um espaço social mais íntimo, reduzido, como os relatos de Ariel, Blue e Cody, que por causa de sua não identificação com a norma acabam por sofrer violências simbólicas externas (sociedade) e interna (plano virtual), constrangimentos que marcam de forma negativa performances que são tão legítimas quanto a normalizada.

O culto ao corpo jovem, musculoso, alto e branco, é a perpetuação do padrão imposto pelas instituições que fazem parte da lógica normativa, impulsionados pelo mercado, pela moda e o consumo esta recorte étnico e etário tem forte influência sobre como os usos nas aplicações são entusiasmados, como dito por (Miskolci, 2016), a tecnologia acaba por seduzir em maior parte os jovens, os incorporando de uma forma mais natural, o que de certa forma acaba por segregar e causar certa estranheza e dificuldades nas relações interpessoais coordenadas por indivíduos mais velhos. Ora inclusiva, ora segregadora a tecnologia é um forte ato de sociabilidade, porém carece de um cuidado maior para se tentar ser mais inclusiva e pensar seus usos onde não acabe por deixar mais sujeitos a margem.

Identidades *queer*, não binárias, *drag queens*, afeminadas, dentro do meio, são as projeções sobre o olhar das identidades, sexualidades e gêneros que devem ser pautadas por óticas mais atentas no entendimento desses indivíduos com a perspectiva de reflexão de gêneros e sexualidades, outros enquadramentos onde fica-se lançado o desafio para futuras pesquisas que tenham essa área como interesse.

Referências Bibliográficas

- Almeida, M. V. de. (1995). *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Séculos Edições LDA.
- Arruzza, C. (2010). *Feminismo e Marxismo, Entre Casamentos e Divórcios*. Lisboa: Edições Combate.
- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin L. (2011). *Ánalyse de conteúdo*. SP: Edições 70.
- Barnard, M. (2003). *Moda e comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Bauman, Z. (2014). *La sociedad sitiada*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*, Ed. Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*. Zahar. Rio de Janeiro.
- Beauvoir, S. d. (1980). *O Segundo Sexo - Vol. 1 Fatos e Mitos (4a ed.)*. (S. Milliet, Trad.) São Paulo, Brasil: Difusão Européia do Livro.
- Bourdieu, P. (1980). *Le sens pratique*. Paris: Minuit.
- Bourdieu, P. (2013). *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, RS: Zouk.
- Butler, J. (2000). *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"* In: Louro, G. L., Weeks, J, Britzman, D., Hooks, B., Parker, R., Butler, J.. (2000). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Canclini, N. G. (1995). *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Caplan, P. orgs. (1987). *The cultural construction of sexuality*. London: Tavistock Publications LTD.
- Carvalho, A. T. C. de. (2017). *Gênero e representatividade: Brasil e Portugal na rota do Cinema Queer*. Covilhã: Tese de mestrado, Universidade da Beira Interior.
- Castells, M. (2008a). *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2008b). Afterword, in C. Katz (eds.). *Handbook of Mobile Communication Studies*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Castells, M. (2003). *A Sociedade em Rede*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. Volume 1.
- Cevasco, M. E.. (2001). *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra.
- Connell, R.W. (2002). *Gender*. Cambridge: Polity Press.

Colling, L. (2015). *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: EDUFBA.

Du Gay, P.; Negus, K; Hall, S; Janes, L; Mackay, H. (1997). *Doing Cultural Studies: the story of the Sony Walkman*. Londres: Sage.

Escosteguy, A. C. (2010). Estudos Culturais: uma introdução. *In: O que é, afinal, Estudos Culturais? organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Fidalgo, A; Tellería, A. S; Carvalheiro, J. R; Canavilhas, J; Correia, J. C. (2017). O ser humano como portal de comunicação: a construção do perfil no telemóvel. *In: Carvalheiro, J. R. (Coord.). A nova fluidez de uma velha dicotomia: público e privado nas comunicações móveis*. Covilhã, UBI, Livros LabCom.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal.

Foucault, M. (2003). *vigiar e punir*. Petrópolis: ED. VOZES.

Freitas, R. F. (2005). *Comunicação, consumo e moda: entre os roteiros das aparências*. *In: Revista Comunicação, mídia e consumo*. Vol.3. no 4. São Paulo: ESPM, p. 125-136.

Giddens, A. (1991). *Consequências da Modernidade*. 2.ed. São Paulo: UNESP.

Giddens, A. (2001). *Sociologia*. 6.ed. Lisboa: Polity Press.

Goffman, E. (1987). *Manicômios, prisões e conventos*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva.

Hall, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

Jacks, N. (1999). *Querência: cultura regional como mediação simbólica - um estudo de recepção* - Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.

Johnson, R. (2010). O que é, afinal, Estudos Culturais. *In: O que é, afinal, Estudos Culturais? organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34: São Paulo.

Lévy, P. (1993). *As tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática*. Editora 34: São Paulo.

Lipovetsky, G. (1989) *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Schwarcz.

Machado, P. S. (2005). *O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural*. Cadernos Pagu (24). São Paulo: Unicamp.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

- Miskolci, R. (2012). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Miskolci, R. (2015). “Discreto e fora do meio” - Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu* (44). Campinas, São Paulo. ISSN 1809-4449
- Miskolci, R. (2016). Estranhos no paraíso: notas sobre os usos de aplicativos de busca de parceiros sexuais em San Francisco. *Cadernos Pagu* (47). Campinas, São Paulo. ISSN 1809-4449
- Mosse, G L.(1996). *La imagen del hombre: la creación de la moderna masculidad*. New York: Oxford University Press.
- Pongidor, M. C. B. Moraes, A. L. C.. Representações do corpo masculino na publicidade de cosméticos. *In* Pavan, M. A., Lisboa Filho, F. F., Moraes, A. L. C. (Organizadores) (2017). *Histórias e memórias da comunicação institucional e publicitária [livro eletrônico]*. Campina Grande: EDUEPB.
- Rocha, E. (2006). *Representações do Consumo: estudos sobre a narrativa publicitária*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Santaella, L. (2003). Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, 1(22), pp 23 -32.
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu* (28). p.19-54. Campinas, São Paulo.
- Silverstone, R. (2002). *Porque estudar mídia?* São Paulo: Loyola.
- Simmel, G. L. (1988). *A tragédie de la culture et autres essais*. Paris: Petite Bibliothèque Rivages.
- Target Group Index. (2016). O consumidor de mídia brasileiro. Kantar Ibope Media. Brasil. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/o-consumidor-de-midia-brasileiro/>. Acesso em 03/mar/2017.
- Target Group Index. (2016). Parando para falar e escutar em um ambiente multimeios. Brasil. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/parando-para-falar-e-escutar-em-um-ambiente-multimeios/>. Acesso em 10/jun/2017.
- Williams, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- Wittig, M. (2006). *El pensamiento heterossexual y otros ensayos*. (2 ed.). Barcelona, Espanha: Egales.

Apêndice 1 - Guião de Entrevista

Este guião foi elaborado como parte do percurso metodológico, com a intenção de colaborar para o desenvolvimento da dissertação de Mestrado em Comunicação Estratégica na Universidade da Beira Interior, com a temática de Masculinidades Plurais: identidade, sexualidade e tecnologias, produzida pelo académico Iuri Garcia Lopes, M70173, e orientada pela Profª Dra Catarina Sales Oliveira.

Seguem a baixo as questões que serviram para conduzir as conversas com os participantes, sendo a entrevista semi-estruturada e como tal às questões elencadas podem ser adicionadas outras em resultado do decurso da entrevista:

- Qual sua idade, etnia e formação académica/profissional?;
- Qual sua cidade natal? Qual sua cidade atual, onde reside?;
- Fale sobre a descoberta da sua sexualidade, sobre sua aceitação;
- Como foi o processo de aceitação da sua sexualidade entre a sua família, amigos e ambiente de trabalho/no ambiente de ensino?;
- Você acha positivo ou negativo o uso das tecnologias na geração de aplicativos para dispositivos móveis e desktops?;
- Você acha relevante as aplicações de relacionamentos gays?;
- Você é ou já foi usuário das aplicações *Grindr* e *Tinder*?;
- O que você busca nestes aplicativos?;
- Como você lê os perfis nas aplicações e como você é lido?;
- Gostaria de compartilhar alguma situação, positiva ou negativa, que teve nos usos destes aplicativos?;
- Gostaria de falar mais sobre suas performances de gênero na sociedade?;

Apêndice 2 - Termo de consentimento

Eu, _____, estou sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre o tema Aplicativos de relacionamentos, cujos objetivos são: compreender como o espaço virtual aflixe sobre o real, e avaliar a experiência de uso de aplicativos de relacionamento por usuários homens gays cisgênero, utilizando dispositivos móveis.

Autorizo Iuri Garcia Lopes, estudante de mestrado em Comunicação Estratégica - Publicidade e Propaganda pela Universidade da Beira Interior, em Portugal, orientado pelo Professora Doutora Catarina Sales Oliveira, a utilizar esta pesquisa para fins acadêmicos. A mesma será realizada na Instituição _____, em _____, no mês de _____ de _____.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

É assegurado o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura dx participante

Iuri Garcia Lopes
Pesquisador responsável